



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

KALIANA LINS DE ABREU

A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA OBRA *A LÍNGUA DE EULÁLIA*, DE MARCOS BAGNO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

CAJAZEIRAS - PB

2021

KALIANA LINS DE ABREU

A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA OBRA *A LÍNGUA DE EULÁLIA*, DE MARCOS BAGNO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2021

A162v Abreu, Kaliana Lins de.
A variação e o preconceito linguístico na obra *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno: uma proposta de intervenção para o 6º ano do ensino fundamental / Kaliana Lins de Abreu. - Cajazeiras, 2021.
72f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFPG/CFP, 2021.

1. Variação lingüística. 2. Preconceito lingüístico. 3. História da língua. 4. Sociolingüística. 5. A Língua de Eulália. 6. Latim clássico. 7. Latim vulgar. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

BS/CFP/UFPG

CDU – 81'27

KALIANA LINS DE ABREU

A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA OBRA *A LÍNGUA DE EULÁLIA*, DE MARCOS BAGNO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 07/10/2021

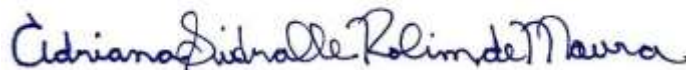
Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Profa. Dra. Adriana Sidralle Rolim de Moura
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

Ao Senhor Deus, a razão do meu viver, meu Protetor e Guia; à minha amada família pelo amor, força e apoio incondicional.

Com carinho, **DEDICO!**

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu noivo e parceiro de todas as horas, Vinícius Fernandes, pelo suporte e incentivo durante todas as etapas do curso.

— Obrigada, meu amor!

À minha querida amiga, Aída Bandeira, que sempre me incentivou a ir além.

— Obrigada, amiga!

Ao meu orientador, Abdoral Inácio da Silva. Obrigada pelas orientações, pelos conhecimentos compartilhados comigo, pelas palavras de incentivo e motivação.

Aos meus amigos e parceiros de pesquisa, por toda a ajuda e apoio durante este período tão importante da minha formação acadêmica.

A todos que citei acima, e aos muitos que não mencionei, mas que de alguma forma fizeram parte da minha linda trajetória:

— Muito obrigada!

*“Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.
”*

(BAGNO, 1999, p. 19))

RESUMO

O presente trabalho tem a pretensão de reconhecer e analisar como o preconceito linguístico é construído a partir das variações lexicais na novela sociolinguística: *A língua de Eulália*, a fim de construir um caderno pedagógico. Para que esse objetivo seja alcançado, apresentamos os seguintes objetivos específicos: Apresentar uma abordagem sobre a sociolinguística sob a perspectiva da história da Língua Portuguesa, considerando o preconceito linguístico e as variações linguísticas; Realizar uma análise das variações lexicais na novela sociolinguística *A língua de Eulália*; Elaborar um caderno pedagógico direcionado a docentes do 6º ano do Ensino Fundamental II, com atividades que reflitam sobre o preconceito e as variações lexicais. Para bem realizarmos o nosso trabalho, auxiliando nas discussões teóricas, foram utilizadas como referências Bagno (1999; 2006; 2007), Bortoni-Ricardo (2005;2006), Maria Cecília Mollica (2009;2015), Coutinho (2011), dentre outras. Para tanto, optamos por uma pesquisa de caráter bibliográfico, de natureza propositiva, a qual foi levada a efeito pela consulta de obras teóricas, trabalhos acadêmicos e livros didáticos, com abordagem qualitativa. A base teórica abarca temáticas, nas quais percebemos que os indivíduos falantes da variedade popular são muitas vezes discriminados pela sua forma de falar, acarretando o chamado “Preconceito Linguístico”. Diante dessas questões, que não são apenas referentes aos aspectos linguísticos, como também sociais, percebemos a importância da desconstrução desse preconceito e também a importância de ressaltar que todo falante nativo domina sua língua perfeitamente. Como resultado da pesquisa, elaboramos um caderno pedagógico direcionado a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. Este foi estruturado em II módulos: **MÓDULO I** – Ponto de Partida; **MÓDULO II** – Trabalhando o Preconceito Linguístico na fala de Eulália, do livro de Bagno. Tais módulos foram desenvolvidos com atividades que abordam a importância de se compreender, respeitar e aceitar às variações da língua.

Palavras-chaves: História da Língua. Variação Linguística. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This paper aims to recognize and analyze the presence of linguistic prejudice and lexical variations in the sociolinguistic novel: *A língua de Eulália*, intending to build a pedagogical notebook. To achieve this, the following specific objectives will be described: To present an approach about sociolinguistics under Portuguese Language history's perspective, considering linguistic prejudice and linguistic variations; Perform an analysis on the lexical variations in the sociolinguistic novel: *A língua de Eulália*; Elaborate a pedagogical notebook targeting 6th year teachers from middle school, preparing activities that reflect on prejudice and lexical variations. In order to strengthen the present research, aiding on theoretical discussions, there have been used as references authors such as Bagno (1999; 2006; 2007), Bortoni-Ricardo (2005;2006), Maria Cecília Mollica (2009;2015), Coutinho (2011), and others. The research method was bibliographical and from a purposeful sampling nature, which was considered as such due to the inquiry of theoretical works, academical papers and didactic books, under the qualitative approach. The entire theoretical basis contains themes in which it is noticeable that individuals whose speech contains popular varieties are many times victims of discrimination over their way of speaking, characterizing what is called "linguistic prejudice". Faced with those problems that not only refer to linguistical aspects but social aspects as well, it is perceptible the importance of unbuilding such prejudice and emphasizing that every native speaker dominates their language perfectly. As result of this research, a pedagogical notebook was elaborated and aimed at 6th grade students from middle school. This paper was structured in two modules: **MODULE I** – Starting point; **MODULE II** – Working over the linguist prejudice on Eulália's speech, from Bagno's book. Both modules were developed with activities that approach the importance of comprehending, respecting and accepting the different variations from language.

Keywords: Language History. Linguistic Variation. Linguistic Prejudice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – Século X-VII a.C....	15
Figura 2	- Mapa da Península Ibérica antes da chegada dos romanos.....	17
Figura 3	- Mapa de Expansão do Império Romano.....	19
Figura 4	- Mapa da conquista romana da <u>Hispânia</u> , desde o início da Segunda Guerra Púnica (219 a.C.).....	20
Figura 5	- Mapa da Conquista romana na Península Itálica.....	21
Quadro 1	- Periodização e seus principais nomes da Literatura Latina.....	22
Quadro 2	- Casos e funções sintáticas.....	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	-	Centro de Formação de Professores
IR	-	Império Romano
LC	-	Latim Clássico
LL	-	Língua Latina
LP	-	Língua Portuguesa
LV	-	Latim Vulgar
PCNs	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
PI	-	Península Ibérica
PNP	-	Português não padrão
PP	-	Português padrão
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande
UFPE	-	Universidade Federal de Pernambuco
USP	-	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 BREVE HISTÓRIA EXTERNA E INTERNA DA LÍNGUA LATINA.....	15
2.1 A origem e propagação da língua latina.....	15
2.2 O Latim na Península Ibérica.....	17
2.2 Expansão do Império Romano e a chegada do latim à Península Ibérica.....	20
2.3 As mudanças linguísticas do latim clássico ao latim vulgar.....	23
2.3.1 Latim Clássico.....	23
2.3.2 Latim vulgar.....	25
3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA	27
3.2 Variação Lexical.....	33
4 ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LEXICAIS NA NOVELA A LÍNGUA DE EULÁLIA.....	36
4.1 Sobre o autor.....	36
4.2 Breve contextualização da obra <i>A Língua de Eulália</i>.....	37
4.3 A variação lexical na Língua de Eulália.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

Por estar inserida no seio da sociedade e ser característico ao ser humano, a língua apresenta um caráter social e como tal não ficou isenta ao preconceito em razão de suas diversas variantes. Desse modo, a discussão acerca da língua é indispensável e, às vezes, parece não ter fim. São pessoas que falam uma variante considerada padrão e não aceitam as variantes linguísticas consideradas não-padrão.

Como recorte desta pesquisa, escolhemos o livro *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno (2006), a fim de analisar o preconceito e as variações presentes nessa obra. Dessa forma, o estudo do tema desta pesquisa nos leva a refletir sobre a possibilidade de uma melhor aceitação acerca do preconceito e das variações linguísticas em relação a quem não domina a língua padrão e não segue a rigor as prescrições apresentadas na gramática normativa, mas utiliza outra variação linguística e atinge êxito em sua comunicação, uma vez que o falante da língua não está interessado na forma em que sua mensagem será estruturada e sim em transmitir o conteúdo.

Nesse percurso, buscamos analisar a problemática, expressa na seguinte indagação: Por que a fala de Eulália, considerada um português “diferente”, resultante do meio social em que vive, da classe à qual pertence, do lugar de origem e do seu nível de escolaridade, não compromete o entendimento das mensagens que ela transmite às pessoas?

Com isso, partindo dessa problemática, apresentamos algumas hipóteses que surgem diante dessa situação: A questão das variações linguísticas tem sido estudada por muitos pesquisadores, no sentido de auxiliar os indivíduos a usarem as diversas variações dialetais da língua, fazendo as adaptações necessárias aos diversos contextos de uso da linguagem. No livro *A língua de Eulália*, o autor Marcos Bagno (2006) propõe uma reflexão a respeito da construção da língua e do preconceito acerca das formas de variedades linguísticas mais comuns entre os falantes da língua portuguesa (LP), procurando desconstruir o conceito de erro que é aplicado ao português não padrão (PNP) falado no Brasil.

Na obra, temos Eulália, uma das personagens mais sábias do livro, é empregada doméstica, alfabetizada já adulta, que não conhece as normas gramaticais mais prestigiadas, e apresenta uma forma “diferente” de falar. Ela possui seu jeito próprio para se comunicar, e mesmo falando de forma “diferente”, considerada não-padrão, não compromete o seu entendimento. Portanto, a questão não é falar de forma certa ou errada, mas saber como utilizar a fala, adequando-a de acordo com o contexto de comunicação.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem a pretensão de reconhecer e analisar como o preconceito linguístico é construído a partir das variações lexicais na novela sociolinguística: *A língua de Eulália*, a fim de construir um caderno pedagógico. Para que esse objetivo seja alcançado, apresentamos os seguintes objetivos específicos: Apresentar uma abordagem sobre a sociolinguística sob a perspectiva da história da LP, considerando o preconceito linguístico e as variações linguísticas; Realizar uma análise das variações lexicais na novela sociolinguística *A língua de Eulália*; Elaborar um caderno pedagógico direcionado aos docentes do 6º ano do Ensino Fundamental II, com atividades que reflitam sobre o preconceito e as variações lexicais.

Sendo assim, a presente pesquisa é de suma importância no trabalho da sala de aula, para que os estudantes possam minimizar ou superar o pensamento de que existe apenas uma língua “certa” em oposição a uma língua “errada”, e o que pode ou não ser dito. E nesse caso é função dos docentes apresentarem uma postura mais crítica, conscientizando os alunos sobre o preconceito e às variações linguísticas, pois é necessário que as diferenças entre quem fala a língua padrão, língua mais prestigiada, e os que falam as variedades menos prestigiadas sejam minimizadas.

Bagno (2006), ao tratar do preconceito linguístico no livro, demonstra que não há uma única maneira ou modo certo ou errado de se falar, embora, muitas vezes, PNP não se encaixe no Português Padrão (PP). Nesse sentido, este estudo se justifica pela necessidade de repensar o uso da língua, uma vez que ela não deve ser classificada como certa ou errada, mas como adequada ou inadequada.

Para bem realizarmos o nosso trabalho, auxiliando nas discussões teóricas, foram utilizadas como referências Bagno (1999; 2006; 2007), Bortoni-Ricardo (2005;2006), Maria Cecília Mollica (2009;2015), Coutinho (2011), Assis (2011), entre outros. Quanto à natureza das fontes utilizadas, a pesquisa pode ser categorizada como bibliográfica. De acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica está ancorada nas contribuições de pesquisas antecedentes, tais quais encontradas em documentos impressos, livros, teses, enciclopédias, entre outros.

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013), essa análise é como uma sequência de atividades que compreende a redução dos dados, categorização, interpretação e a escrita do relatório. Posto isto, as informações coletadas, os instrumentos de pesquisa e as teorias que fundamentaram a investigação são o alicerce da investigação.

Dessa forma, esclarecemos que esta pesquisa é também aplicada e tem caráter propositivo, visto que o caderno pedagógico, direcionado a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, com atividades que refletem sobre o preconceito e as variações linguísticas.

Tendo em vista nossos objetivos, organizamos este trabalho em 5 capítulos, dos quais este é o primeiro e introdutório, no qual justificamos e apresentamos os objetivos da pesquisa em tela, além de sinalizar seus aspectos metodológicos.

No segundo capítulo, intitulado “Breve história externa e interna da língua latina”, começamos com um breve histórico sobre a origem e propagação da língua latina. Também de forma sucinta, procuramos descrever sobre o Latim na Península Ibérica (PI) e as mudanças linguísticas do Latim clássico (LC) ao Latim vulgar (LV).

No terceiro capítulo, intitulado “Breves considerações sobre a Sociolinguística”, decidimos pela tessitura dos seguintes tópicos “Variação Linguística: Pressupostos Teóricos” e “Variação Lexical”.

No quarto capítulo, abordamos a análise das variações lexicais na novela *A Língua de Eulália*, do autor Marcos Bagno (2006); apresentamos uma breve biografia sobre o autor da obra analisada; na sequência, fizemos uma breve contextualização do livro supracitado, por fim, analisamos a variação lexical presente na novela sociolinguística.

No quinto capítulo, por sua vez, apresentamos uma proposta de intervenção, sob a forma de um caderno pedagógico, direcionado para turma de 6º ano do Ensino Fundamental II. Após esse capítulo, concluímos o trabalho por meio das considerações finais e o referencial teórico que sustentou a pesquisa, anexos e o apêndice no qual disponibilizamos o caderno pedagógico para consulta docente.

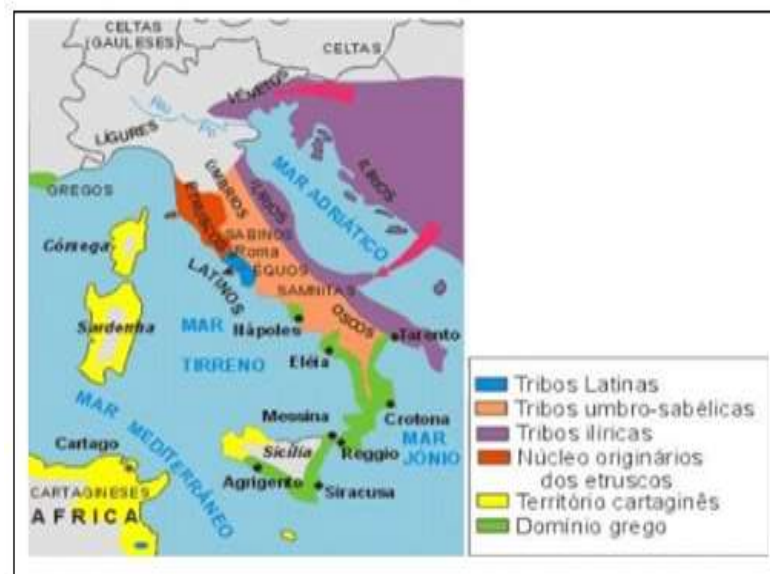
2 BREVE HISTÓRIA EXTERNA E INTERNA DA LÍNGUA LATINA

Este capítulo traz alguns pressupostos teóricos que norteiam nossa investigação. Apresentamos alguns subtópicos que organizam o capítulo, entre os quais destacamos: “A origem e propagação da Língua Latina (LL)”. Em seguida, apresentamos “O Latim na PI”; após, “Expansão do Império Romano e a chegada do latim à PI, e por fim, o estudo acerca das “Mudanças linguísticas do LC ao LV”.

2.1 A origem e propagação da língua latina

O Latim, língua dos romanos, falado na cidade de Roma e na província do Lácio, teve sua origem nessa região, por volta do século VII a.C. Juntamente com o Império Romano expandiu-se por grande parte da Europa, até transformar-se, pelas mudanças naturais das línguas, em vários dialetos que deram origem às línguas românicas, também conhecidas como línguas neolatinas, isto é, às línguas que são originárias do Latim, entre as quais destacamos o nosso idioma, o português.

Figura 1 - Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – Século X-VII a.C.



Fonte: Imagens Google (2021)¹.

¹ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mapa:+localiza%C3%A7%C3%A3o+dos+povos+pr%C3%A9-romanos&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj15z61pjrAhXLLLkGHY7uBggQ_AUoAXoECA0QAw&biw=1360&bih=657#imgrc=dNYIPYUdbwWX8M&imgdii=ivEUSqnXWcxvoM>. Acesso em: 17 jun. 2021.

Com base no mapa acima, podemos observar onde se localizam os povos pré-romanos na Península Itálica, no entanto, podemos compreender também qual foi a origem do Latim. Como já foi mencionado, o mesmo se originou na região central da Itália, proveniente do indo-europeu - é uma língua ou família linguística formada por centenas de diferentes línguas e dialetos, que abarcam as principais línguas da Europa, norte da Índia e do Irã. Por volta do século VII a.C., numa região chamada Lácio, localizada no centro da Itália, na costa do Mar Tirreno, o latim surge como língua escrita.

Até a época atual, aconteceram algumas mudanças linguísticas do Latim, sobre as quais podemos destacar as diferenças fonéticas, morfológicas e lexicais das variedades do LC e LV. No que diz respeito às mudanças fonéticas, a perda das oposições de quantidade foi uma grande mudança. Sabemos que no LC havia cinco vogais breves e cinco vogais longas. Desse modo, essa distinção vocálica representava um traço fonológico, isto é, era capaz de diferenciar as palavras. No entanto, a quantidade de vogais foi substituída pela qualidade vocálica, ou seja, as vogais passaram a pronunciar-se de maneira aberta ou fechada.

Vogais abertas	Vogais fechadas
(Ā, Ē, Ī, Ō, Ū)	(Ā, Ē, Ī, Ō, Ū)

Com a perda de quantidade vocálica, formou-se no LV uma nova configuração vocálica, de caráter posicional, que não era fonologicamente relevante. No LV as diferenças de duração se associaram às de timbre, de modo que o timbre passou a ser distintivo e a diferença de duração na pronúncia das vogais desapareceu.

Do ponto de vista morfológico, no LC, as palavras eram divididas, segundo a terminação, em cinco grandes declinações, que se restringiram a três no LV.

Latim clássico	5 declinações	-a, -o, -i, -u, -e
Latim vulgar	3 declinações	-a, -o, -e (Na Península Ibérica se restringiram a duas).

Já em relação ao léxico, havia predominância de uso de vocábulos mais populares e afetivos com sufixos diminutivos. Outra característica do LV que permaneceu no português foi

a preferência pelas palavras compostas, no lugar das palavras simples usadas no LC, como por exemplo, cor* coratio: LC; coração: LV.

Consoante ao exposto, tanto a respeito de sua estrutura gramatical, quanto de seu léxico, falar que o português é uma língua neolatina significa declarar que encontramos no Latim as palavras não só deram origem ao léxico do português, mas também encontramos algumas características sintático-morfofonológicas exclusivas do Latim e das línguas neolatinas no português.

2.2 O Latim na Península Ibérica

De acordo com Teyssier (2007), em regiões povoadas por populações pequenas também há idiomas provenientes do Latim, como em diversas regiões da Espanha, país europeu da PI, em que o galego é falado. Este tem como idioma, o valenciano, o galego, o aragonês, o asturiano e o leonês. Em várias regiões da Itália são falados o lígure, piemontês, o siciliano, o napolitano e o sardo.

Consoante ao exposto, vale ressaltar que as línguas existentes na PI, antes da chegada dos romanos, sofreram influências, tendo como resultados linguísticos algumas de suas características, a essas influências chamamos de substratos – significa que a língua de um povo vencedor pode deixar marcas perduráveis na língua de um povo vencido, isto é, alguns traços linguísticos dos povos vencedores são conduzidos além das gerações.

Abaixo, na FIGURA 2, será apresentado o mapa do território da PI antes do domínio de Roma.

Figura 2 – Mapa da Península Ibérica antes da chegada dos romanos



Fonte: Imagens Google (2021)².

Vale ressaltar que foram necessárias algumas investidas até o domínio completo da PI, e por isso essa conquista não se deu de forma imediata. O processo de conquista romana foi caracterizado pela romanização da PI, ou seja, os romanos implantaram sua civilização nessa região. Assim, implantaram serviço militar, organizaram o comércio de correio e construíram escolas. Desse modo, o Latim passou a servir de veículo a uma cultura mais avançada.

Essa antiga língua indo-europeia se espalhou mais facilmente por ser o idioma oficial do antigo IR. No sul da França, era falado o occitano (que tem como dialeto o provençal). Na Suíça, é falado o romanche. No extremo norte da França e no sul da Bélgica, também é falado dois idiomas românicos: o valão e o picardo. O dalmático, falado na antiga província romana Dalmácia e o rético, falado na Récia, são línguas neolatinas extintas atualmente.

De acordo com Assis (2011), vale ressaltar que as línguas que existiam na Península Ibérica antes da ocupação romana, comumente como consequência de uma obtenção política, sofreram grandes influências, tendo como resultados linguísticos algumas de suas características em que a essas influências damos o nome substratos.

Como foi dito anteriormente, a PI fora habitada por vários povos, com várias culturas e línguas antes da ocupação romana. No entanto, os povos que se destacaram foram os Celtas,

² Disponível em: < <http://blog.brasilacademico.com/2013/03/a-evolucao-das-linguas-na-peninsula.html>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

que permaneceram no local e influenciaram até a época das Guerras Púnicas, entre romanos e cartagineses pela soberania no Mar Mediterrâneo. Conforme o exposto, Assis (2011, p. 115) diz: “com as Guerras Púnicas - [...], a Península Ibérica passou para o domínio de Roma. Embora a invasão tenha ocorrido no século III a.C., a anexação como província só ocorreu no ano de 197 a.C.”.

As chamadas guerras púnicas foram uma série de três conflitos militares entre Roma e Cartago, entre os anos 264 a.C. e 146 a.C. A primeira ocorreu entre 264 a.C. até 241 a.C., tem início com a disputa das ilhas italianas, destacando-se a disputa pela Sicília que terminou com a vitória dos romanos, conquistando a Córsega, Sicília e Sardenha.

A segunda guerra é a mais conhecida, devido a investida feita por Aníbal Barca, filho do rei de Cartago, iniciada 218 a.C. e estendendo-se até 201 a.C. Foi durante essa guerra que os romanos conquistam a PI e, de lá, começam seu avanço por outras regiões. Cartago, em várias batalhas iniciais, segue vitoriosa. No entanto, saiu derrotada, após os romanos, mais uma vez, vencerem os cartagineses.

A terceira e última foi 149 a.C. a 146 a.C., período no qual houve a completa destruição de Cartago. Essa guerra foi liderada pelo general Cipião Emiliano. Os sobreviventes foram todos escravizados, Cartago foi incendiada e seu território salgado, com objetivo de torná-la infértil.

Vale ressaltar, no entanto, que os Romanos iniciaram a conquista da PI pelo ano 218 a.C., durante os conflitos envolvendo Roma e Cartago pelo domínio do Mar Mediterrâneo. Durante vários anos lutaram contra o domínio dos Cartagineses, acabando por expulsá-los da PI em 206 a.C., com a vitória de Cádiz, passando a comandar o litoral mediterrânico. O mapa a seguir expõe a extensão máxima que alcançou o IR.

Figura 3 - Mapa de Expansão do Império Romano



Fonte: Imagens Google (2011)³.

³ Disponível em: < <http://www.jurassico.com.br/aulas-de-historia/roma-antiga>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

2.2 Expansão do Império Romano e a chegada do latim à Península Ibérica

O Latim é uma antiga língua que era falada na região central da Itália, denominada de Lácio - na qual, hoje em dia, encontra-se a cidade de Roma-, no decorrer do primeiro milênio a.C. e que, juntamente com o IR, expandiu-se por grande parte da Europa, pelo Norte da África e por diferentes regiões da Ásia, até a origem das línguas românicas. Na sequência, mostraremos, através da FIGURA 4, o Mapa da conquista romana da Hispania, desde o início da Segunda Guerra Púnica (219 a.C.). O IR alcançou a extensão territorial máxima no ano de 117.

Figura 4 - Mapa da conquista romana da Hispania, desde o início da Segunda Guerra Púnica (219 a.C.)



Fonte: Imagens Google (2021)⁴.

Com a chegada dos romanos a esses territórios, chegaria não apenas uma língua, e sim, toda uma cultura, nascia uma nova era. Os romanos foram peças fundamentais para a propagação de um novo modo de pensar e de viver. Esse avanço proporcionou ao Latim, língua

⁴ Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Conquista_romana_da_Pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica#/media/Ficheiro:Conquista_Hispania_Simplificado-pt.svg>. Acesso em: 27 jun. 2021.

dos romanos, uma imensa importância na Península. Abaixo, apresentamos um mapa, através da FIGURA 5, que nos mostra a conquista romana na expansão do Império Romano.

Figura 5 - Mapa da Conquista romana em outras regiões, inclusive na Península Itálica



Fonte: Imagens Google (2021)⁵.

No mapa acima, é possível perceber que Roma, no processo de expansão territorial, conquistou todos os povos da Península Itálica, impondo-lhes sua língua, sua cultura. Desse modo, durante esse processo de expansão e de conquistas de novos povos e terras, com o passar do tempo, Roma foi acumulando novos costumes, culturas e línguas de outros povos, demonstrando mudanças consideráveis no processo de transformação do latim nas línguas românicas.

Ainda nesse período, célebres autores da história do Latim escreveram obras literárias que auxiliaram a esculpir as bases políticas, culturais, sociais, filosóficas e religiosas da Europa e, conseqüentemente, do mundo ocidental. À luz da perspectiva diacrônica, encontramos as seguintes divisões, de acordo com a periodização e seus principais representantes:

⁵ Disponível em: <<http://joaoduarteptosantos.blogspot.com/2011/02/expansao-romana.html>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Quadro 1 - Periodização e seus principais nomes da Literatura Latina

PERÍODO	REPRESENTANTES
a) <i>Período arcaico</i> (séc. III ao I a.C.)	Representado por Catão, Plauto e Terêncio.
b) <i>Período clássico</i> (séc. I a.C. e I d.C.)	Representado por Cícero Cesar, Salustio, Horácio, Vergílio e outros;
c) <i>Período pós-clássico</i>	Representado por Tito Livio, Sêneca, Quinto Cúrcio, Plínio o Velho, Quintiliano, Plínio o Moco, Suetônio;
d) <i>Período cristão</i> (do séc. III em diante)	Representado por Tertuliano, Santo Agostinho, São Jerônimo e outros.

Fonte: Adaptado pela pesquisadora (ROSÁRIO, 2011, p. 12).

Sobre o Latim e suas fases, com base no quadro exposto, ele se divide em quatro períodos: a) período arcaico, sendo representado pelo latim antigo. Esta forma latina possui convenções ortográficas, vocábulos, particularidades fonéticas e morfológicas que não foram utilizadas em obras escritas em LC; b) período clássico, marcado pelo LC, considerado o “pai” de grandes obras literárias. Nesse período é incontestável a influência helênica, que se faz através dos escritores e dos gramáticos da época; c) período pós-clássico, marcado pelos prosadores não originários da Itália, que já não seguem os moldes clássicos da língua em sua totalidade; por fim, d) período cristão (séc. III d.C. - V d.C.) – representado por Tertuliano, Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio, entre outros.

Baseado numa perspectiva sincrônica, os estudiosos e linguistas expõem outro panorama para as modalidades do Latim, externando que,

Com efeito, há três fatores envolvidos nas variantes que uma língua pode apresentar: a variação social, correspondente à estratificação social, a geográfica, correspondente às diferenças geográficas, e as diferenças relativas ao grau de formalidade da situação de fala (MARTINS, 2006, p. 6).

Assim sendo, entendemos que o estudo da língua não deve ser feito apenas numa perspectiva sincrônica, mas também diacrônica, visto que há outros prismas a serem estudados, analisados e considerados. Deste modo, de maneira paralela, havia as diversas variantes do Latim, entre as quais podemos mencionar as duas modalidades: a) o latim clássico (*sermo litterarius, eruditus, urbanus*), e; b) latim vulgar (*sermo vulgaris, rusticus, plebeius*).

Na sequência, depois de demonstrarmos um breve histórico da Expansão do IR e a chegada do latim à PI, falaremos um pouco sobre as mudanças linguísticas do LC ao LV.

2.3 As mudanças linguísticas do latim clássico ao latim vulgar

2.3.1 Latim Clássico

É o vocábulo tradicionalmente usado para designar a língua das classes cultas de Roma. Era falado e escrito por volta do primeiro século I a.C., até o início do primeiro século da Era Cristã. São marcas predominantes dessa fase a prosa filosófica, política do orador Cícero. Destacam-se também poetas como Virgílio, Horácio Catulo, entre outros.

Sobre o latim clássico, Coutinho (2011, p. 29-30) traz a seguinte definição:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas.

Segundo o autor, observamos que essa variante do Latim representa a língua literária apurada, rígida e artificial. Essa língua está ligada às obras dos escritores mais renomados da época como César e Cícero, este, grande representante de Roma na oratória, de urbanista. Esse é o período de ouro do latim, que era usado por pessoas cultas, por pessoas pertencentes à elite, por aqueles que tinham poder aquisitivo ou prestígio.

Quanto aos termos morfológicos, conforme as terminações do LC foram divididas em cinco declinações, identificadas pelo genitivo singular, que corresponde, respectivamente, a "ae", "i", "is", "us", "ei". As declinações são reconhecidas são identificadas deste modo:

1 ^a declinação	Genitivo singular	Ae
2 ^a declinação	Genitivo singular	I
3 ^a declinação	Genitivo singular	Is
4 ^a declinação	Genitivo singular	Us
5 ^a declinação	Genitivo singular	Ei

Diferente da LP, língua cuja classificação morfológica se dá em dez classes de palavras, o Latim subdivide-se em somente nove, dada a ausência dos artigos. Consoante a isso, Faria Júnior (1958, p. 52), afirma que "são nove as chamadas partes do discurso", as quais

normalmente se atribuem a designação de categorias gramaticais: substantivos, adjetivos, pronomes, numerais, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Porém, apesar de ter uma classe gramatical a menos que o português, "o sistema morfológico latino é bastante complexo" (CARDOSO, 2003, p. 18), sendo que os substantivos estão divididos em declinações e os adjetivos em duas classes e seguem o modelo da 1ª, 2ª e 3ª declinações respectivamente.

Consoante a isso, percebemos que o Latim é uma língua flexível, visto que as palavras são formadas através de processos de derivação/composição e se articulam na frase, por relações de dependência, a partir da morfologia. Sendo assim, o LC era uma língua de suporte morfossintático, declinável e sintética, a qual exprimia as funções sintáticas das palavras através de desinências, já o LV e as línguas românicas são analíticas, ou seja, representam as funções sintáticas das palavras perante a ordem destas no sintagma e pelo uso de elementos como preposições e artigos.

Essa questão morfológica está associada a outra característica que se refere à especialidade das funções sintáticas serem representadas por essas próprias terminações. Havia seis casos latinos, a conhecer - nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo – assim eram definidos os tipos de relações que podem ser estabelecidas entre as palavras. De modo genérico, a correspondência entre casos e funções sintáticas é a seguinte:

Quadro 2 – Casos e funções sintáticas

CASO LATINO	FUNÇÃO
Nominativo	Sujeito, predicativo do sujeito
Vocativo	Chamamento; apelo
Acusativo	Objeto direto; adjunto adverbial
Genitivo	Adjunto adnominal restritivo
Dativo	Objeto indireto e complemento nominal
Ablativo	Adjunto adverbial

Fonte: Adaptado pela pesquisadora (SOUZA; TORRES, 2020, p. 28).

Observamos, pois, que estes seis casos constituem quase todas as relações sintáticas que podemos encontrar numa oração latina. Assim, o conhecimento dessas funções é extremamente

importante para que sejam compreendidas as diversas características presentes na LL. Vale destacar que,

As palavras ‘nominativo’, ‘acusativo’, ‘genitivo’, ‘dativo’ e ‘ablativo’ são termos técnicos para os cinco ou seis chamados ‘casos’ dos substantivos e adjetivos latinos. [...]. Quando enunciados dessa forma, os casos são chamados de ‘declinação’. ‘Declinar’ um nome significa flexioná-lo em todos os casos (JONES; SIDWELL, 2012, p. 16).

Assim, é preciso elucidar que “todos os substantivos estão sujeitos à flexão de caso. Logo, todos eles apresentam, idealmente, doze formas diferentes (singular e plural, nos casos nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo)” (GONÇALVEZ, 2007, p. 43). Desse modo, todos eles apresentam doze possíveis formas diferentes (singular e plural, nos casos nominativo, acusativo, vocativo, genitivo, dativo e ablativo)", além disso, podem apresentar os gêneros masculino, feminino e neutro, que quer dizer *nem um nem outro*, isto é, nem o masculino nem o feminino, sendo que o último se manteve em alguns pronomes demonstrativos (isto, isso, aquilo e o), pronomes indefinidos (nada, tudo, algo), adjetivos e infinitivos substantivados.

2.3.2 Latim vulgar

Chama-se LV a língua essencialmente falada, logo não se apegava às regras gramaticais da escrita do LC. Era a língua do cotidiano usada pela grande massa popular menos favorecida, pertencente à classe de pessoas que eram muito pouco ou nada escolarizadas, principalmente pelos soldados, agricultores, marinheiros, barbeiros, escravos, etc. Coutinho (2011, p. 30) define assim:

Chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático objetivamente.

Essa modalidade do Latim recebeu essa denominação por ser considerada coloquial em relação ao latim literário (clássico). Dessa forma, enquanto o LC era ensinado nas escolas, o LV era usado de forma espontânea e fluente pelas pessoas, falado por soldados, comerciantes,

camponeses e a população em geral, ou seja, pelas camadas inferiores menos prestigiadas, há muito tempo desabitado da disciplina na escola e afastado da influência literária.

Acerca das modalidades do Latim, os autores explicam:

O latim vulgar e o latim literário eram parcialmente diferentes tanto em sua estrutura gramatical quanto em seu léxico; é por isso que certas características marcantes da frase latina, como as declinações e a voz passiva sintética, não aparecem em todas as línguas românicas. Pelo mesmo motivo, encontramos no português palavras como *casa*, *boca* ou *espada* (originárias do latim vulgar) em vez das correspondentes *domus*, *os* ou *gladius* (do latim literário). É por isso também que, embora o português derive do latim, não basta saber português para entender os textos da literatura latina: na verdade, o latim da literatura foi criado pelo esforço consciente de várias gerações de escritores e tinha fins estéticos (ILLARI; BASSO, 2012, p.15-18).

De acordo com os autores, podemos reconhecer as diferenças das duas modalidades de latim: o LC, gramaticalizado, usado pelas pessoas cultas, era falado e escrito; o LV era a linguagem da camada inferior da sociedade que transmitia suas ideias sem a preocupação com os padrões gramaticais. Ainda conforme os autores supracitados, a diferença do LV e do Latim literário (clássico), tanto na sua estrutura gramatical como no seu léxico, é enorme e, por essa razão, apesar de ser derivado do Latim, não basta apenas saber a LP para compreender os textos da literatura latina.

Como já foi citado, o LC era constituído por 5 (cinco) declinações em que cada uma delas possuía uma terminação: a 1ª declinação terminava em *ae* (*rosa, ae*), a 2ª em *i* (*bellum, i*), a 3ª em *is* (*mare, -is*), a 4ª em *us* (*fructus, us*) e a 5ª em *ei* (*dies, -ei*). Os casos eram 6 (seis): nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo.

Com base no ponto de vista morfológico, no LV, as declinações reduziram-se apenas a duas: com a fusão da 2ª e da 3ª, restaram a 1ª e a 2ª declinação, com a existência dos nomes femininos com a terminação *-a* e masculinos com a terminação *-o*. Já os 6 (seis) casos reduziram-se a três: o nominativo, o acusativo e genitivo-dativo. Outro ponto importante em relação à mudança da LL foi o desaparecimento do gênero neutro, que designa as palavras que não são masculinas nem femininas.

Na PI, os casos nominativo e acusativo se fundiram, prevalecendo o segundo. Por esse motivo, expomos que o acusativo, em português (e em espanhol) é o caso lexicogênico, ou seja, as palavras que se originaram do Latim vieram predominantemente desse acusativo. Desse modo, é da forma que as palavras apresentavam neste caso sintático que se originou o léxico da LP. Após apresentarmos esse percurso histórico da língua, abordaremos sobre os pressupostos teóricos relativos à sociolinguística.

3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGÜÍSTICA

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações sobre a sociolinguística, ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Em seguida, abordamos sobre a temática da variação linguística. Após, discutirmos sobre a variação lexical. Por fim, analisamos a variantes lexicais presente na novela sociolinguística *A língua de Eulália*.

A sociolinguística ou sociologia da linguagem é o ramo da linguística que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, surgiu no final da década de 1960, rompendo com os modelos teóricos que entendiam a língua como um sistema homogêneo e invariável. Esse ramo tem trazido inúmeras contribuições para o ensino de LP, dentre elas, a discussão sobre variação linguística, além do preconceito linguístico e o ensino de gramática. A Sociolinguística é definida por Mollica (2015, p. 9) como:

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos.

O princípio norteador para a realização do trabalho, a partir da Sociolinguística, é a compreensão de que a língua não é algo estático e acabado. É sabido que não se deve tratar a língua como um fenômeno homogêneo, visto que isso poderá ocasionar consequências pouco efetivas ao ensino de LP. Com isso, os estudantes passam a acreditar na ideia de que só há uma única língua correta e uma única forma de falar. É nesse entendimento que surge o preconceito linguístico, onde há a discriminação social que consiste em julgar o outro pela forma como ele se comunica.

Verifica-se também que por trás desse preconceito as outras variações linguísticas, há um preconceito social que abrange a cor, a raça, a sexualidade e além disso julga a questão financeira como uma característica para um alto grau de importância no meio social. É sabido que os indivíduos são influenciados pela sociedade na qual estão inseridos, o que gera variações na maneira de usar uma mesma língua, ao que chamamos variações socioculturais, que são modificados principalmente por fatores históricos e culturais.

Muitas pessoas, infelizmente, ignoram e desconhecem a importância das variações linguísticas. Logo, o desconhecimento e a insegurança as levam a avaliar determinadas formas de falar, como formas “erradas” de linguagem. Este é um dos problemas que está bastante presente no ambiente escolar. Porém, os alunos não podem em momento algum sentir-se

inferiores linguisticamente, nem superiores às outras variações, pois “diferença não é deficiência nem inferioridade” (Bago, 1999, p. 29).

É nesse sentido que Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), reafirma que “os professores e por meio deles os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”, ou seja, a escola, enquanto instituição formada por uma diversidade linguística, não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas dos alunos. No entanto, é comum ocorrer tanto na sociedade como no âmbito escolar, o desprestígio das variedades que não atendem à padronização da língua.

Acerca disso, Mollica (2009) destaca que se torna essencial reforçar que é no ambiente escolar que as mais diversas culturas e experiências linguísticas se encontram na escola, onde os estudantes aprendem a conviver em sociedade, percebem as diferenças sociais e culturais existentes para, a partir de então, conhecer, usar e dominar outras variedades da língua, principalmente a padrão.

Dessa forma, um dos pontos básicos considerados pela sociolinguística é que a língua sofre variações e que essas variações linguísticas ocorrem na fala das pessoas e são perceptíveis ao se analisar a língua no tempo, logo, não deve, portanto, haver discriminação no estudo das línguas.

Pela observação dos aspectos analisados, faz-se necessário entender que a crença na diversidade da língua mostra-se essencial para que o modelo teórico possa dar conta de examinar o fenômeno da alteração linguística, visto que o fato de ela ser heterogênea está internamente ligado à variação linguística, porque antes de ocorrerem mudanças, ocorrem variações. Uma vez que as mudanças linguísticas emergem da heterogeneidade da língua, todavia, nem toda demonstração de heterogeneidade vem a ocasionar uma mudança linguística. Dessa forma, pode-se dizer que nem toda variação implica mudança, mas toda mudança presume uma variação.

3.1 Variação Linguística: Pressupostos Teóricos

A variação linguística é um fenômeno natural de todas as línguas vivas e acontece em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na oralidade e no vocabulário. Desde o início da vida, o indivíduo adquire uma língua materna, trazendo também as “marcas” e falares característicos do grupo social com o qual convive. Consoante ao exposto, o linguista Bago (1999, p. 16) afirma que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais na identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...].

Nesse sentido, faz-se necessário caracterizar a linguagem como uma atividade humana, atribuindo a ela a proporção na nossa relação com o universo. A linguagem está na origem de questionamentos sobre a forma como o mundo se arranja e como nos relacionamos com ele e com os indivíduos com quem convivemos no meio social. Logo, ao estudarmos as variações linguísticas, compreendemos que, apesar de falarmos a mesma língua, falamos de diferentes modos, com características próprias, as quais nos distinguem uns dos outros.

Desse modo, podemos afirmar que as línguas estão em constante transformação, elas não são imóveis, se alteram através do uso de tempos em tempos. Assim, as pessoas mudam as palavras, o modo de falar, a grafia e também o sentido. Todas essas alterações recebem o nome de *Variações linguísticas*, e essas diferenças linguísticas podem ser compreendidas em todas as línguas do mundo, nos níveis fonéticos, fonológico, morfológico, sintático ou semântico.

Desta feita, Bagno (2007, p. 39), esclarece que “a variação ocorre em todos os níveis da língua”. A primeira seria a variação fonético-fonológica: aborda as diversas maneiras de pronunciar uma palavra. Nessa variação percebe-se uma dissemelhança na pronúncia dos falantes que pode variar de região para região.

Ainda nessa perspectiva, o autor declara que outra forma de expressar a heterogeneidade linguística é a variação morfológica, que diz respeito à alternância de sufixos para exprimir o mesmo conceito. A variação morfológica é reflexo de fatores econômicos e nível de escolaridade do falante. Como acontece na variação sintática que requer certo grau de percepção das regras gramaticais mais convencionais de uma língua.

Já a variação lexical, declara se é um falante do sexo masculino ou feminino, visto que os estudos sociolinguísticos reconhecem que há uma seleção de palavras por parte do falante, ou melhor, determinados vocábulos não combinam se ditos por uma mulher ou por um homem. Dessa forma, o acervo lexical utilizado pelos falantes para interagir com as pessoas os definem e os identificam, ou seja, cada indivíduo imprime as suas características na língua, e isso acontece devido a vários fatores como ambiente, cultura, sexo, idade, profissão, escolaridade, *etc.*, o que permite o fenômeno da variação linguística.

Nesse sentido, compreendemos que as pessoas se expressam de maneiras diferentes. A variação linguística, seja a linguagem culta ou não, é estabelecida pelo grupo social no qual estamos inseridos, uma vez que cada indivíduo desenvolverá a sua própria rede de comunicação, e isto depende da sua origem, classe social, faixa etária e da época em que vive o falante. Neste contexto, é importante que o sujeito saiba utilizar a língua de acordo com a situação em que se encontra, adequando-a as suas necessidades comunicativas.

No entanto, vale destacar que durante a comunicação, falar de maneira correta significa adequar a linguagem à interlocução, isto é, adequar o vocabulário e até mesmo o jeito de falar, devem estar coerentes com o assunto tratado, analisando, assim, a melhor forma de expressar-se, para que ocorra o sucesso comunicativo entre locutor e interlocutor.

É sabido que os indivíduos são influenciados pela sociedade na qual estão inseridos, o que gera variações na forma de usar uma mesma língua, que chamamos variações socioculturais, que são modificadas principalmente por fatores históricos e culturais. Muitas pessoas, infelizmente, ignoram e desconhecem a importância das variações linguísticas. Logo, o desconhecimento e a insegurança levam às pessoas a avaliar certas formas de falar, como formas “erradas” de linguagem.

Continuando com a discussão, Marcos Bagno (2007, p. 104) defende que “ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna”, pois segundo ele, “só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, aprendido por meio de treinamento, prática e memorização”. Para ele, a língua materna não está inserida nesses saberes, uma vez que a criança a adquire desde cedo, chegando a dominar a gramática da língua entre os 4 e 5 anos de idade. Bagno chega a declarar que existem “erros de português”, mas esclarece que nenhum falante nativo da língua os comete.

Nesse sentido, a escolaridade também pode ser um fator bastante relevante na questão da variação linguística, e está diretamente relacionada à classe socioeconômica do falante, visto que o acesso à educação ainda é desigual, e os que têm acesso a ela, pertencem, de modo geral, ao grupo socioeconômico mais elevado e privilegiado. Mesmo com essas divergências, todos os estudantes são avaliados, diariamente, da mesma forma e com o mesmo nível de exigência, sem que seja levado em consideração a peculiaridade daqueles cuja linguagem está mais distante da norma padrão da LP, visto que cada uma possui o seu próprio estilo e ritmo de aprendizagem e apresenta saberes prévios originários de situações ambientais diversas.

Com isso, o ensino deve estar aberto às diferentes variações linguísticas e o reconhecimento e avaliação das características de cada aluno são fundamentais na condução de uma educação significativa. O ensino de LP precisa de uma reestruturação curricular, não só

nos seus aspectos gramaticais, como também no ensino das variações, como em todas as áreas, visto que a educação no Brasil é deficitária, principalmente na esfera pública, como defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, mais conhecidos como (PCNs): “Essas evidências de fracasso escolar apontam à necessidade de reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita” (BRASIL, 1997, p. 19).

Comumente, as línguas apresentam duas modalidades principais: a língua oral e a escrita. Essas modalidades são de grande importância para o estabelecimento da interação entre os indivíduos. É sabido que, quando os alunos chegam à instituição escolar dominam, em sua essência, a gramática da LP, a variante linguística de sua região, de seu grupo familiar, social *etc.* No momento em que a criança começa o processo de aquisição da escrita é presumível que escreva da maneira que fala, ou que apresente influências da fala em sua escrita.

De modo histórico a fala nos é dada, porque, onde quer que haja seres humanos, há linguagem verbal, enquanto que a escrita, antecede a leitura e é uma convenção que precisa ser intensiva e metodicamente aprendida. Desse modo, na escrita a determinação de erro tem característica diferente

[...] porque representa a transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia. Aqui também há um forte componente de avaliação social, pois erros ortográficos são avaliados muito negativamente. Mas podemos considerá-lo uma transgressão porque a ortografia é um código que não prevê variação. A ortografia de cada palavra é fixada ao longo de anos e até séculos no processo de codificação linguística (BORTONI- RICARDO, 2006, p. 273).

Desse modo, na linguagem oral, o que a sociedade denomina de ‘erro’, é concebido pela sociolinguística como variantes linguísticas, ou seja, formas diferentes de dizer a mesma coisa, a exemplo de carec[e] / anda[r], as variantes consideradas não padrão carec[i] / and[á] são usadas na grande parte das regiões do país, com a escrita não acontece o mesmo, pois como observamos na citação, o código convencionado e prescrito pela ortografia não prevê variação. Bagno (2011), defende que: “Seria mais justo e democrático explicar ao aluno que ele pode dizer ‘bulacha’ ou ‘bolacha’, mas que só pode escrever bolacha, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito” (BAGNO, 1999, p. 53).

Como se nota, Bagno (1999) defende que o ambiente escolar deve ser um local socializador, visto que é múltiplo de diversidade cultural, social, racial e étnica, assim lugar privilegiado no reconhecimento das diferenças. É nesse sentido que Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) reafirma que “os professores e por meio deles os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”, ou seja, a escola, enquanto instituição formada por uma diversidade de usos da língua, não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Assim, cabe aos educadores mostrar as diferenças entre a língua escrita - estrutura complexa, disciplinado e rígido - e falada - estrutura simples ou desestruturada, informal, espontânea e dependente do contexto.

Consoante a isso, tais modalidades são de grande importância para o estabelecimento da interação entre os alunos. Dessa forma, é fundamental que o educador conheça a realidade dos educandos para que possa intervir de maneira consciente e responsável para o desenvolvimento pleno de seus alunos. Além disso, temos também a realidade da escola onde: “[...] o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada” (SOARES, 1989, p. 17).

De acordo com a referida autora, percebe-se que há, no ambiente escolar, a separação por grupos de alunos de distintas classes sociais. Dessa forma, um dos motivos pelo qual a aprendizagem não acontece de maneira satisfatória, é que a escola adota o princípio do caráter homogêneo da língua, com o intuito de padronizar a língua falada e escrita na sociedade.

Sendo assim, em cada processo comunicativo é necessário que o estudante consiga encontrar uma forma que seja ao mesmo tempo mais adequada e aceitável, tanto na linguagem oral como na escrita. Concordamos com Bagno (2011, p. 154), quando diz que “nas duas modalidades deve haver um equilíbrio entre os eixos de adequação e aceitação”. Se o aluno está em uma situação comunicativa formal, precisa utilizar uma linguagem formal, seria inaceitável, por exemplo, o uso de gírias em uma apresentação acadêmica. Portanto, cabe à instituição escolar ensinar o aluno a fazer uso da linguagem nas mais diversas situações comunicativas sejam elas formais ou informais.

Os professores precisam trabalhar essa questão durante as aulas de LP, o primeiro passo é informando aos alunos que não existe o falar certo, mas sim as várias situações em que irão adequar a linguagem a ser utilizada. Como afirma Bagno (2011, p. 154), “tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Tudo vai depender de “quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por que e visando que efeito”, ou seja, em cada situação

comunicativa, é necessário que o educando encontre uma maneira que seja ao mesmo tempo mais apropriada e mais aceitável, tanto no que se refere à modalidade oral, quanto na escrita, visto que é importante que ocorra um equilíbrio entre os dois eixos: adequação e aceitação, ou seja, se o aluno está em situação comunicativa formal, ele precisa fazer uso de uma linguagem formal, seria inaceitável, por exemplo, o uso de gírias em jornais de circulação nacional.

3.2 Variação Lexical

O léxico da LP estabelece um importante domínio na construção da identidade de uma língua, apresentando os processos de variações e mudanças a que estão submetidas em seu fazer sócio-histórico. De acordo com Isquierdo (2001, p. 14), o “léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. À vista disso, é no léxico, também, que observamos, com maior entendimento, a movimentação da língua, visto que o léxico se constitui um sistema dinâmico e aberto, ou seja, a cada momento histórico, social e cultural novos vocábulos surgem em detrimento do desaparecimento total ou parcial de outros.

Acerca do léxico, Villalva e Silvestre (2014, p. 23) estabelecem a seguinte definição:

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os dados da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita.

Conforme a citação acima, observa-se que o léxico de uma língua não se constitui apenas das palavras em uso em um estipulado período de tempo em uma comunidade de fala, mas acrescenta palavras que já foram empregadas em períodos passados e que ficaram em desuso e deixaram de existir, como também os diferentes vocábulos utilizados em comunidades linguísticas distintas. Esse dinamismo da língua, inerente à sociedade e à cultura, ocasiona mudanças, não só no país, mas em outras regiões, por isso algo pode ser dito de diferentes formas. Segundo CALVET (2002, p. 89), “[...] a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um

réptil comum em todo o Brasil é chamado de “osga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro-Sul”.

Todavia, um ponto que requer destaque no estudo do léxico é sua variação, pois, em razão à sua expansão e sucessivas mudanças, o léxico de uma língua nunca se apresenta como homogêneo, visto que o uso de uma determinada variante pode ser consciente (indica o comportamento do falante) ou inconsciente (indica algo sobre a categoria social do falante).

No caso da LP, por exemplo, a variação lexical não ocorre apenas entre as variedades nacionais (português brasileiro, português europeu, *etc.*), como também dentro de uma mesma variedade. Desse modo, o português do Brasil apresenta variações lexicais que evidenciam a vitalidade da língua e que também caracterizam as desigualdades culturais e sociais de certas regiões.

Dessa maneira, a língua é um instrumento de comunicação social, visto que através dela, o indivíduo projeta o processo de criação e recriação da sua realidade, através da interação que estabelece consigo mesmo e com os outros sujeitos. Além disso, promove a sua identidade social, pois denuncia o grupo social do qual faz parte, seu país e/ou região de origem, etc. no momento em que fala. Vale evidenciar também que nenhum falante de uma língua domina, totalmente, o léxico, visto que cada um se adequa ao léxico de várias formas, a partir dos estímulos a que são apresentados nas experiências e das necessidades linguísticas individuais.

Sequenciando as discussões acerca da variação lexical, existem dois falares: os falares locais e os regionais. Os primeiros são marcas linguísticas características de uma localidade, enquanto parte de uma região. Do mesmo modo, os segundos estabelecem traços linguísticos particulares de regiões específicas de um país. Logo, a língua, quando utilizada, socialmente, pode ocorrer diversas formas de preconceitos. A forma como uma língua é pronunciada, por exemplo, muitas vezes, é menosprezada por outros falantes dessa mesma língua. Um exemplo é o sotaque nordestino, que é mencionado por muitos sulistas de forma pejorativa.

[...] a divisão das formas linguísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma divisão pejorativa. À língua corresponde uma comunidade “civilizada”, aos dialetos e aos patoás comunidades de “selvagens”, os primeiros agrupamentos em povos ou em nações, os segundos, em tribos. E se utiliza todo um leque de qualitativos, dialeto, jargão, algaravia, patoás, para significar em quebaixa conta se tem certo do de falar (CALVET, 2002, p. 67-68).

Todavia, reverter o problema do preconceito linguístico vai além de querer apenas combatê-lo. Logo, as variedades precisam ser vistas com um olhar sem preconceitos. Acerca

disso, Bagno (2007) explica que só será possível acabar com o preconceito linguístico quando houver uma transformação na sociedade, mas o autor coloca que se pode fazer pequenos gestos que minimizem essa problemática, por exemplo, se muitos professores abandonassem a forma arcaica do ensino de gramática nas escolas e passassem a ensinar, além do ensino tradicional, como a língua varia no meio social de acordo com suas situações comunicativas de uso, de fato, esse preconceito seria mais facilmente combatido. Com isso, as variedades linguísticas seriam mais facilmente aceitas e poderiam ser consideradas um valor cultural e não um problema.

4 ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LEXICAIS NA NOVELA A LÍNGUA DE EULÁLIA

O quarto capítulo do presente trabalho fundamenta-se na análise das variações lexicais presentes na novela sociolinguística *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. De início, fizemos algumas considerações a respeito do autor da obra em análise. Após, fizemos uma breve discussão sobre a *contextualização* do livro. Em seguida, apresentamos a análise das variantes lexicais presentes na referida obra.

4.1 Sobre o autor

O autor Marcos Bagno nasceu em Cataguases (MG), em 21 de agosto de 1961. Depois de ter vivido em Salvador, Recife, Brasília e no Rio de Janeiro, instalou-se com a família na capital de São Paulo. É poeta, tradutor, contista e autor de livros para crianças. Formou-se em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde também obteve seu título de mestre em Linguística. É doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

Bagno é professor de Linguística da Universidade de Brasília, escritor e tradutor, com diversas obras publicadas no campo da sociologia da linguagem e do ensino de português, além de obras dedicadas ao público infanto-juvenil, diversas delas premiadas, tem dezenas de livros publicados, entre os quais se destacam:

- ✓ A língua de Eulália – novela sociolinguística;
- ✓ Preconceito linguístico. – O que é, como se faz;
- ✓ Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa;
- ✓ Língua materna – letramento, variação e ensino;
- ✓ A norma oculta – língua & poder na sociedade brasileira;
- ✓ Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística;
- ✓ Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro;
- ✓ Gramática pedagógica do português brasileiro;
- ✓ Gramática de bolso do português brasileiro.

Desde a publicação do livro *A Língua de Eulália*, em 1997, sua primeira obra no campo da educação linguística, Bagno tornou-se um dos linguistas mais célebres do Brasil, devido a

sua atuação contra toda e qualquer forma de exclusão social através da linguagem e a favor da valorização de todos os diversos modos de falar. Ele recusa a noção reducionista que separa o uso da língua em "certo" e "errado".

4.2 Breve contextualização da obra *A Língua de Eulália*

A obra *A Língua de Eulália*, do autor Marcos Bagno (2006), apresenta as formas de variedades linguísticas mais frequentes entre os falantes da LP, procurando romper o conceito de erro que é aplicado ao (PNP) falado no Brasil. A novela sociolinguística foi publicada pela primeira vez pela Editora Contexto, no ano de 1997. A obra é composta de 22 capítulos, distribuídos em 251 páginas. *A língua de Eulália* discorre acerca de uma viagem de férias de três jovens universitárias (Sílvia, Emília e Vera). As três viajam à casa de Irene, tia de Vera, que mora em Atibaia, no interior de São Paulo.

Na novela sociolinguística, o autor procura mostrar que o uso de uma linguagem “diferente”, nem sempre pode ser considerado um "erro de português", já que a maneira estranha e “diferente” de as pessoas falarem pode ser explicada por algumas ciências como a linguística, a história, a psicologia, *etc.* Embora a nossa tradição educacional muitas vezes conteste a existência de uma pluralidade dentro do universo da LP, e não aceite que a norma culta é uma das muitas variedades aceitáveis no uso do português, a LP está em contínua transformação e recebe, de maneira especial, a influência de vocábulos pertencentes a outros idiomas, sobretudo dos imigrantes que chegam a todo momento no país a partir do final do século XIX e início do século XX, entre eles italianos, americanos, japoneses, alemães, *etc.*

O livro faz parte da coleção *Caminhos da Linguística* e narra a história de três jovens universitárias que escolhem a chácara de Dona Irene, em Atibaia, no interior de São Paulo, para passar o período de férias escolares. No entanto, essas férias foram transformadas numa espécie de atualização pedagógica, em que as três jovens reciclam seus conhecimentos linguísticos, com vários padrões e conceitos acerca da LP.

A seguir, passamos a abordar a análise das variações lexicais na novela sociolinguística *A Língua de Eulália*.

4.3 A variação lexical na Língua de Eulália

Na novela sociolinguística *A Língua de Eulália*, o autor Marcos Bagno (2006) conta a história de três amigas que vão passar suas férias na casa de Dona Irene, em Atibaia. A obra tem como objetivo demonstrar o preconceito linguístico provocado pela maneira de falar da personagem Eulália.

Ao chegar à casa de Irene, as jovens conhecem Eulália, empregada doméstica e amiga de Dona Irene. Eulália é uma senhora que foi alfabetizada aos 40 anos, e possui uma forma “diferente” de falar. Vale destacar que o nome “Eulália” é formado por dois radicais gregos: eu – que significa “bom” e – lalia, que significa “linguagem”. Dessa forma, como se nota, o nome “Eulalia”, significa, ironicamente “a boa linguagem”.

Irene é uma linguista, professora de LP, que está em fase de conclusão de seu livro acerca das variações linguísticas e, ao perceber o preconceito linguístico que cometem as três jovens ao ouvirem o falar “diferente” de Eulália, ela passa a desmontar os pré-julgamentos e os preconceitos frente a seus argumentos iniciais, cabe à linguista expor o contexto que levou o PP a se constituir como a variante prestigiada socialmente em relação a todas as outras.

Irene começa a esclarecer que esse modo coloquial que Eulália utiliza para falar, por exemplo: “os fofros, os home, problema, precura, mômio ingrês”, entre outras, ocorrem devido às variedades da LP. Assim, a professora começa a apresentar às meninas que cada cultura tem seu jeito próprio de falar. Irene segue dizendo que a fala de Eulália não é errada, é apenas um português de um grupo social diferente do nosso. Pois é sabido que a classe social é um fator que muito determina a maneira como falamos. Aqueles que possuem uma condição socioeconômica mais elevada tendem a usar a linguagem mais próxima da chamada variedade culta.

Seguindo com os questionamentos acerca da língua, Irene propõe demonstrar os mecanismos e funcionamentos das variedades sintáticas, semânticas, fonológicas e fonéticas, sendo que as últimas são os alvos favoritos do preconceito linguístico. Exemplo, quando um falante diz “discurpa”, “as bicicleta” sofre maior estigma social que outro que diz “isso é pra mim fazer”.

A partir disso, Irene sugere um pensamento sobre a LP e resolve explicar questões linguísticas às três jovens. Elas gostam da ideia e propõem ter aulas sobre o assunto no decorrer das férias. A linguista, por meio das aulas, explica que o preconceito linguístico não possui embasamento, pois a história da LP passou por diversas fases e cada uma delas esclarece o uso dessas variantes. Sabendo disso,

O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto [...]. Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela “suba na vida” é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana (BAGNO, 1999, p. 70).

Desse modo, não podemos esperar somente um discurso padrão, como se as palavras fossem reproduzidas de modo mecanizado, sem a presença de influências externas. Na verdade, dentre os diversos discursos aceitáveis, podemos identificar sempre um “dominante”, bastante “persuasivo”, obedecido pela maioria como se fosse o “correto”.

No livro, Marcos Bagno (2006) apresenta outro caso de variação linguística. Este relaciona-se à eliminação das marcas de plural redundantes – acréscimo nos vocábulos de marcas de plural, que modificam várias classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, verbo *etc.*, isto é, a denominada concordância de número.

Na novela sociolinguística, a personagem Irene mostra que a tendência do falante do PNP - Linguagem que não segue os padrões do português formal-, é pluralizar apenas o primeiro componente de uma frase, prática que já é satisfatória para pluralizar a frase inteira. Por exemplo, não tem necessidade de dizer: as casas pegaram fogo e ficaram destruídas. Basta marcar o plural através do primeiro vocábulo: as casa pegou fogo e ficou destruída. Desse modo, já se entende que se trata de mais de uma casa. Irene cita, como exemplo, a canção tradicional brasileira “Cuitelinho” música folclórica de Paulo Vanzolini e Antônio Carlos Xandó, em que os autores se utilizam desse procedimento: as onda se espaia... as garça dá meia volta... dei em terras paraguaia... Irene revela que esse mesmo procedimento é utilizado no inglês e no francês e é considerado correto.

O autor explana sobre a mudança do LH em I, esclarecendo que quando os falantes do português não padrão falam, ao invés de trabalho, trabaio, ao invés de espelho, espeio, não quer dizer que estejam falando de forma errada, mas sim que “[...] na variedade de português que eles falam não existe este som consonantal.” (BAGNO, 2006, p. 63).

Como já foi mencionado, Dona Irene, que vinha escrevendo um livro sobre as diferenças entre PP e PNP, aproveitou a oportunidade para explicar de forma mais clara e detalhada as diversidades linguísticas existentes que precisam ser respeitadas, sendo que sua utilização não deve ser considerada inadequada, uma vez que são modos distintos de se falar a mesma língua e, seu uso, não causa prejuízo no entendimento, pois tudo que parece erro no PNP tem uma explicação científica e lógica, e acaba estimulando o ensino da norma padrão da língua, visto

que esta foi formada para que exista um modelo de comunicação nacional. Entretanto, recomenda-se que o ensino desta seja direcionado para questões que considerem a dinamicidade da língua.

No capítulo nove da obra supracitada, intitulado “Sodade, meu bem, sodade” (BAGNO 2006, p. 93) trata da questão das diferenças entre a língua falada e a língua escrita. Mostra que a língua falada é mais dinâmica, encontra-se sempre em mutação e que a escrita é o oposto dela. Sobre isso, o autor destaca que “a língua falada, a língua que sai pela boca, é muito mais rápida, ágil e esperta do que a língua escrita, a língua que sai pela mão”. Para isso explica que a língua falada acompanha as mudanças culturais sofridas pelo homem durante o tempo e evolui junto com ele ao passo que a língua escrita permanece estagnada sofrendo poucas mudanças.

Durante as aulas, foram apresentadas e discutidas muitas lições de variação linguística sincrônica e diacrônica empregadas pela linguista Irene: a rotacização do L em encontros consonantais, que consiste na troca do L pelo R depois de uma consoante. Por exemplo, muitas pessoas dizem grobo, broco, Cráudia e ingrês em vez de globo, bloco, Cláudia e inglês. Esse fenômeno tem explicação na origem de alguns vocábulos que vieram do latim e passaram por esse tipo de alteração ao passarem pelo francês, pelo espanhol, até chegar ao português. A professora Irene cita, ainda, alguns versos de Os Lusíadas, do escritor português Luís Vaz de Camões, onde ele escreve “frechas”, “fruta”, “pruma”, “pubrica”, ingrês” e revela que ninguém “deu gargalhada” dele;

Seguindo com as discussões sobre as variantes linguísticas, Irene cita, ainda, a supressão das marcas de plural redundantes; a contração das proparoxítonas em paroxítonas; a desnasalização das vogais postônicas; os arcaísmos no português do Brasil; a adaptação da partícula SE como sujeito da oração; a transformação do LH em I, essa transformação é abordada no capítulo seis, intitulado “Liberdade, fraternidade e igualdade”, nele, a professora Irene prossegue com às aulas, esclarecendo a troca ou a retirada do LH presente no PNP, onde o encontro consonantal não existe. A discussão surgiu com base na fala de Emília, ao dizer que o “povo tem preguiça de pronunciar o LH direito. Em vez de *baralho*, diz *baraio*; em vez de *telha*, diz *têia*...”. Após isso, Irene destaca que “ ‘não é que os falantes do PNP sejam ‘preguiçosos’ ou, como dizem alguns gramáticos de visão estreita, ‘mentalmente inferiores’. Nada disso. Simplesmente, na variedade de português que eles falam não existe este som consonantal’ ” (BAGNO, 2006, p. 63).

Desse modo, a professora traz essa explicação comparando o PNP com outras línguas, como o francês e o espanhol, onde fato semelhante também ocorre, um fenômeno denominado

Yeísmo - fenômeno linguístico da língua espanhola pelo qual o ll (correspondente ao lh do português) é pronunciado como o y-.

Na obra, Irene segue com as lições acerca das variantes linguísticas comentando sobre a simplificação das conjunções verbais; a transformação de ND em N e de MB em M; a redução do ditongo OU em O e do ditongo EI em E; fenômenos decorrentes da analogia; por fim, o uso do pronome MIM como sujeito de verbos no infinitivo.

Em *A Língua de Eulália*, Bagno (2006) procura sempre comparar o PP com o PNP para provar que existem mais semelhanças que diferenças entre eles. Nesse sentido, as variedades não devem ser vistas como erradas, elas são apenas diferentes da norma padrão da língua, por serem caracterizadas pela oralidade e mais livres para modificações que as modalidades escritas.

Nessa perspectiva, vale ressaltar ainda que os falantes da variedade não padrão apresentam dificuldades de aprender a norma padrão da língua, inicialmente porque o primeiro é transmitido de modo natural, já o segundo necessita de aprendizado e, como na maioria das vezes, esses indivíduos pertencem à classe menos favorecida, abandonam a escola para trabalhar ou abandonam o estudo por serem discriminadas, excluídas e serem vítimas de preconceito linguístico, desse modo o problema acaba transformando-se em um processo de exclusão.

Diante disso, o livro *A Língua de Eulália* demonstra que na comparação entre o PP e o PNP o maior preconceito exposto não são exatamente as variantes linguísticas que predominam, mas sim, as desigualdades sociais. A esse respeito, Bagno (2006) defende que o preconceito linguístico se manifesta a partir da evidência das diferenças sociais, quando a língua é utilizada para deixar clara a longitude entre classes sociais. Dessa forma, “mais uma vez a gente é obrigada a reconhecer que quem diz onte, home, garage, bobage, não está falando —errado, não é Irene? Está até, de certa forma, falando mais —certo, já que está respeitando a —regra da desnasalização da vogal postônica que é natural da língua” (BAGNO, 2006, p. 138).

Bagno, através das falas dos personagens que integram a obra, reconhece a efetivação do fenômeno linguístico, o qual tem por objetivo apresentar alguns fenômenos como a desnasalização das vogais postônicas. Este aspecto existe e é conhecido pelo PP e PNP. Logo, não se podem desprezar os falantes desta modalidade, muito menos enquadrar este como certo ou errado, visto que existem explicações aceitáveis para existência desse fenômeno.

Normalmente, é comum ouvir declarações como: os falantes das variedades não padrão da língua falam “errado” ou não obedecem às regras gramaticais. Tais afirmações não se amparam em bases científicas, pois ainda que esses falantes não obedeçam às regras urbanas

de prestígio que declaram que a marcação de plural precisa ser realizada em todos os elementos da locução nominal, há outras regras em vigência, não aquelas da gramática que precisam ser decoradas, mas regras gramaticais pertencentes ao sistema linguístico do sujeito, apreendidas de modo espontâneo.

Ao fim das aulas, a professora Irene, alerta às três jovens para que reflitam se, de fato, a língua que se fala no Brasil é o português, já que os brasileiros não entendem o português do século XII nem se quer o português falado em Portugal. Por conseguinte, chegam à conclusão que o nosso "português" não existe, por ser uma língua composta de variações e dialetos, completamente passíveis de sofrer alteração.

Como podemos comprovar, os preconceitos citados na obra, como por exemplo: racial, social, sexual *etc.* também são ligadas ao uso da fala. Contudo, podemos ver a sociolinguística ser analisada de maneira séria, e ao mesmo tempo divertida. Ao deparar-se com pessoas que não tenham contato com esses tipos de variações, elas podem causar ou produzir situação, seja de valorização como de discriminação, em termos de convivência social e pessoal, devido ao preconceito linguístico.

Fica evidente que não há variedades linguísticas consideradas inferiores e desprestigiadas, visto que todas respondem às necessidades comunicativas dos indivíduos que as utilizam, logo, são apropriadas ao contexto comunicacional em que são utilizadas. Então, em que se fundamenta o julgamento feito a certas variedades? De acordo com Alkmim, “julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social” (ALKMIN, 2012, p. 44). Desse modo, tais julgamentos preconceituosos acontecem pela falta de conhecimento acerca do fenômeno linguístico, ou seja, alguns sujeitos, pela influência de alguns instrumentos de comunicação, passam a difundir informações errôneas e sem fundamento linguístico.

Quanto às variações linguísticas, compreendemos que elas estão presentes em nosso dia a dia, na sociedade, no ambiente escolar, enfim, no que ouvimos, no que lemos, escrevemos, também nas produções textuais *etc.* Logo, é importante, além de estudar a variação linguística, também trazê-la para a vivência da sala de aula, onde os educandos têm contato com elas, utilizam-nas e, ao mesmo tempo, sofrem preconceitos por utilizá-las. Desse modo, formulamos um Caderno Pedagógico que será apresentado a seguir.

Este material é direcionado aos docentes do 6º ano do Ensino Fundamental II, mas objetiva também subsidiar o aluno. Nesse sentido, propomo-nos a preparar um material que atenda às necessidades dos professores de LP com atividades significativas e relevantes. Para

tanto, este caderno está organizado em dois Módulos: Módulo I – Ponto de partida; Módulo II -Trabalhando o preconceito linguístico na fala de Eulália, do livro de Bagno.

Nesse sentido, as atividades aqui apresentadas podem proporcionar ao aluno um aprendizado bastante consistente no que tange à Educação Linguística. Por conseguinte, esperamos, através deste Caderno Pedagógico, contribuir com o ensino de LP, no que se refere às variações linguísticas e o preconceito.



Falar diferente não é falar errado

Caderno Pedagógico

KALIANA LINS DE ABREU

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

⁶ Disponível em: <<https://www.portugues.com.br/redacao/variacoes-linguisticas-preconceito-linguistico.html>>
Acesso em: 09 de out. 2021.

APRESENTAÇÃO

“[...] a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas [...]”

(BAGNO, 1999, p.118)

Caro professor,

A citação acima, demonstra que devemos abranger a diversidade de usos da língua, nas duas modalidades: oral e escrita, em função das necessidades comunicativas nas diversas situações de interação social.

Você está recebendo uma importante ferramenta para ampliar seu conhecimento. Este caderno foi organizado, didaticamente, para que você possa aprofundar seus conhecimentos acerca do estudo da variação linguística e do preconceito linguístico. Consideramos de suma importância o contato com conteúdo que o faça pensar e refletir sobre essa forma de discriminação social, já que ela existe em todas as esferas sociais e deve ser combatida no processo de uso da língua, pois as variedades linguísticas são construções de ordem histórica e, portanto, possuem explicações sociais e fazem parte da interação, especialmente, neste país tão heterogêneo como o nosso.

O presente material pedagógico está repleto de novidades! Nele você encontrará textos para refletir, tendo em vista que as diferenças existentes na fala são reflexos sociais, e assim as atividades farão você se encantar com a riqueza da LP. Esperamos que este material desperte em você o desejo de compreender as diversidades presentes na nossa língua.

Bons estudos!

*
**

Kaliana Lins de Abreu



SUMÁRIO

MÓDULO I – Ponto de Partida

Primeiro momento: Para refletir

Um caminho para trabalhar a gramática normativa na perspectiva do respeito à variação
Problematizando...

Segundo momento: Introduzindo o tema

Exercitando a opinião sobre o tema
Texto 1 - TU PRA LÁ TU PRA CÁ
Problematizando...
Estudo complementar
Para saber mais...
Autoavaliação

MÓDULO II – Trabalhando o Preconceito Linguístico na fala de Eulália, do livro de Bagno.

Primeiro momento: Conhecendo o livro “A língua de Eulália”, do autor Marcos Bagno

Estudo da obra a partir de fragmentos
Problematizando...
Para saber mais...

Segundo momento: Estudo do tema com base nos fragmentos da obra

Problematizando
Agora é a sua vez!
Algumas palavras

⁷ Disponível em: < <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/367902-muitas-criancas-lendo-livros>> Acesso em: 09. out. 2021

MÓDULO I – Ponto de Partida



Objetivos:

- Exercitar o conceito de Variação Linguística e Preconceito linguístico;
- Reconhecer as variações linguísticas em diversos contextos sociais, bem como manifestações de preconceito linguístico;
- Compreender as variedades da língua como prática social e não como erro gramatical.

⁸ Disponível em: <https://br.freepik.com/vetores-premium/crianca-engracada-voando-em-lapis-colorido_11595555.htm> Acesso em: 09 out. 2021.

9



Primeiro momento: Para refletir

Um caminho para trabalhar a gramática normativa na perspectiva do respeito à variação

É de conhecimento que variação linguística e gramática são duas vertentes de estudo muito discutidas atualmente. O ensino da LP constitui um verdadeiro “desafio”, uma vez que é uma unidade composta por múltiplas variantes e estão em constante movimento. No entanto, a língua que falamos é a mesma, desta forma fazemos o uso do mesmo código linguístico (português brasileiro), porém, a fala de cada ser humano apresenta modificações e são diversificadas, individualizadas e heterogêneas, ou seja, cada falante opta por uma forma de expressão que mais lhe convém. No entanto, percebe-se que apesar disso, ainda o falar “diferente” pode ser visto com preconceito, por indivíduos que acreditam que a sua maneira de falar é superior. Então, não custa lembrar que a língua, sendo viva e dinâmica, adequa-se às necessidades e características da cultura, a que serve como instrumentos de comunicação social, sendo inconcebível, assim, assegurar que uma variedade linguística é superior ou inferior a outra. Nesse tipo de abordagem, as atividades didáticas continuam sendo engessadas e essencialmente classificatórias, muitas vezes, desvinculadas do uso real da língua, submetidas à avaliação equivocada da linguagem “certa” e a “errada. Nesse aspecto, passa-se ao aluno uma falsa ideia de que só existem esses tipos de variações, e de que essa forma de expressão é “incorreta”, esse ou aquele sujeito fala “melhor”, enfim, vai-se criando a cultura da exclusão, em que poucos sabem falar “corretamente” e muitos falam “errado”. Compreende-se, assim que os alunos precisam conhecer a amplitude da língua e a riqueza de cada variedade.



¹⁰ Para introdução do estudo das variações linguísticas será proposto a apreciação de um vídeo que aborda de forma bastante objetiva o tema “preconceito linguístico”. Para este trabalho foi escolhida a Obra “A Língua de Eulália”, de Marcos Bagno.

⁹ Disponível em: < <https://www.canstockphoto.com.br/pensando-menino-19695208.html> > Acesso em: 10 out. 2021.

¹⁰ Disponível em: < [https://www.pinterest.at/pin/125749014582455376/?amp_client_id=CLIENT_ID\(\)&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true](https://www.pinterest.at/pin/125749014582455376/?amp_client_id=CLIENT_ID()&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true) > Acesso em: 10 out. 2021.

Vamos assistir ao vídeo que trata do “Preconceito linguístico”?

Exibição do vídeo

Preconceito Linguístico – O que é?



Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=uu6Wk1pNC-I>>. Acesso em: 29 de set. 2020.

11



Problematizando

 **A partir das informações veiculadas pelo vídeo e dos conhecimentos prévios sobre o tema, responda:**

1. O que você entende por Variação Linguística?

2. Já ouviu falar sobre Preconceito Linguístico?

3. Você percebe diferentes formas de linguagens entre as pessoas com as quais convive?

¹¹ Disponível em:< <https://www.istockphoto.com/br/vetor/jovem-menina-escrevendo-gm472328103-24781583> > Acesso em: 10 out. 2021.

4. Você conhece pessoas que têm o modo de falar considerado “diferente”?

5. Você critica as pessoas pela maneira como elas falam?



12

Segundo momento: introduzindo o tema¹³

A língua é dinâmica e está sujeita a diversas variações. Essa peculiaridade de toda e qualquer língua é o que chamamos de **variação linguística**, que está sujeita ao contexto histórico, sociocultural e geográfico no qual os falantes estão integrados. As variações linguísticas acontecem porque a função primordial da língua é a comunicação, os falantes arranjam e reorganizam a língua de acordo com a necessidade comunicativas de interação social. Uma vez que essas variações visam à comunicação, por isso em nenhum momento devemos considerá-las erros. Ao apontarmos essas alterações como erro, estamos cometendo o que chamamos de “Preconceito Linguístico”. Como todo preconceito, age-se, muitas vezes, maquiavelicamente em defesa de um dado status imposto como mais adequado e, por vezes, mais “bonito”. Infelizmente, esse equivocado comportamento é corriqueiro no Brasil. Você já deve ter visto afirmações pejorativas em relação à fala de quem mora no interior, por exemplo. Esse julgamento, em vez de contribuir para que sigamos em um processo educacional democrático, cria barreiras para o enriquecimento de nosso patrimônio cultural.

¹² Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/crian%C3%A7as-entusiasmado-meninos-e-menina-olhando-o-livro-m%C3%A1gico-car%C3%A1ter-das-com-imagina%C3%A7%C3%A3o-colorida-conceito-da-fantasia-image104841078> > Acesso em: 10 out. 2021.

¹³ Disponível em: < <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/preconceito-linguistico-x-variacao-linguistica.htm>>. Acesso em: 03 de out. 2020.



¹⁴Sabendo que é muito importante para nós, falantes da LP, trabalharmos a variação da língua em sala de aula, de maneira que os alunos não se critiquem, mas respeitem o modo de falar de cada um, tendo em vista que a fala é um fator individual. Assim, é necessário que o professor de LP traga para dentro da sala de aula textos de variados momentos históricos, escritos de acordo, ou não, com a gramática tradicional, e também textos regionais, textos, enfim, em que se demonstrem, vastamente, as características particulares de uma localidade, de grupos e de épocas diferentes.

Vamos refletir sobre as variedades linguísticas?



Exercitando a opinião sobre o tema

1. Que tipo de linguagens usamos para nos comunicarmos uns com os outros em diferentes situações?

2. Quais as diferenças que podemos perceber entre a fala e a escrita?

3. Como reconhecemos que alguém escreve bem?

4. Como reconhecemos que alguém fala certo?

5. Existe certo e errado em relação à fala e à escrita?

¹⁴ Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/ilustracao-de-lampada_5665807.htm#page=1&query=Lampada%20ideia&position=1&from_view=keyword > Acesso em: 11 out. 2021.

Leia o texto abaixo

TU PRA LÁTU PRA CA (ARTUR AZEVEDO, 1997)

Lousada, sujeito de meia-idade: Carolina, mulata gorda.

Lousada. — O Carolina, puseste ao sol a cartola e a sobrecasaca?

Carolina. — Sim, senho. L.

— Vai buscá-las.

C. — (*trazendo os objetos pedidos*). O senho vai fazê alguma visita de importância?

L. — Vou à central receber o Pena.

C. — Que Pena?

L. — O futuro presidente da República.

C. — O Senho conhece ele?

L. — Se o conheço! Ora essa! Tratamo-nos por tu!

C. — Saia daí, seu Lousada! deixe de prosa!..

L. — De prosa como?

C. — Faz quatro ano que o senho foi à centra recebe o Rodrigue Arve, e também nessa ocasião me disse que tratava ele por tu...

L. — E então?

C. — Ora! naquele dia em que a gente foi nas regata de Botafogo, o Rodrigue Arve passou juntinho de nós. O senho fez uma grande barretada, e ele nem como coisa, e foi passando. Quá! não acredito que o senho trate ele por tu!

L. — Estás enganada. O Chico não me viu. Nessas festas não vê ninguém. Além de ser míope, é muito encalistrado. Então quando ouve tocar o hino é uma desgraça! E no momento em que ele passou para entrar no pavilhão, estavam tocando o hino.

C. — E o senho por que cumprimentou ele com tanta cerimónia?

L. — Não cumprimentei o homem: cumprimentei o presidente da República!

C — Ele viu perfeitamente o senho, e não fez caso.

L. — Já te disse que o hino; mas...quando não fosse? Esses homens, quando grimpam às altas posições, esquecem-se naturalmente dos amigos pobres. Vê, por exemplo, o... 0...

Quem há de ser? Cardoso da botica. Ele e eu tratamo-nos por tu, não é? Pois bem: faze o Cardoso presidente da República, e tratamo-nos por tu, não é? Pois bem: faze o Cardoso presidente da República, e verás! Se queres conhecer o vilão...

C. -Sim o Cardoso da Botica o senho trata por tu, mas o Rodrigue Arve não.

L. — O mulher! O Chico e eu no tempo da monarquia éramos tu para lá tu pra cá!

C. — Então o Chico é muito ruim, porque o senhor ainda não tem um bom emprego, e não é por não pedir.

L. — Olha, talvez ele não me servisse justamente por sermos íntimos. Os amigos do chefe do Estado estão sempre de mau partido, porque com os amigos não há cerimônias, e são eles os sacrificados. Se eu não tivesse tanta familiaridade com o presidente da República, a estas horas estaria bem colocado!

C — Nesse caso o senhor não arranja nada também com o Pena.

Por quê?

C. — Pois não trata ele por tu?

L. — É certo; mas não há regra sem exceção. Deixa estar que logo, quando ele saltar do trem, hei de achar meio de lhe segredar ao ouvido: "Afonso, meu velho, não te esqueças de mim..."

Disponível em: <<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/AMyqNTh3RFUBBaEumYUJM7XQDMCpnwEpsSBuzWXNQHBhUbT4zrT8G9S2FNUQ/texto-para-impressao-tu-pra-la-tu-pra-ca-lp06-10sqa08.pdf>>. Acesso em 05 out. 2020.



Problematizando

1. As variações presentes no texto acima evidenciam que tipo de características da língua?

2. Há marcas da oralidade presente na escrita do texto? Cite exemplos.

3. No quadro abaixo, retire do texto algumas palavras que apresentam marcas da oralidade.

4. Qual dos dois personagens do texto sofre preconceito linguístico? Por quê?



15

Estudo complementar

¹⁵ Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/vetor/ilustra%C3%A7%C3%A3o-em-vetor-l%C3%A2mpada-ideia-gm1128884212-298010948>> Acesso em: 11 out. 2021.



Professor (a): Após a resolução das questões, converse com os alunos sobre o que diferencia a linguagem oral da linguagem escrita. No quadro abaixo estão alguns parâmetros que diferem as duas modalidades da língua falada e da língua escrita.

Linguagem oral X Linguagem escrita¹⁶



¹⁷ FALA	ESCRITA
Forma de comunicação mais espontânea	É caracterizada pela formalidade
Compõe uma linguagem mais regionalizada. Sem o uso de regras gramaticais básicas	Preocupação com as regras gramaticais
Interlocutor presente	Existe maior distância e menor interferência do interlocutor,

SUGESTÕES DE LINKS PARA PESQUISA:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OT0Wo2f_r_k>. Acesso em: 04 jan. 2021.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YnGbbCwMqnY>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

Para saber mais...

¹⁶ Disponível em: <<http://fonoaudiologiaportoalegre.com.br/fonomid/linguagem-oral-fala-afasias/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

¹⁷ Disponível em: <<http://oblogderedacao.blogspot.com/2012/09/tres-fases-de-uma-boa-redacao.html>>. Acesso em: 06 out. 2020.



Professor (a): Para uma melhor explanação destes conceitos, utilize recursos tecnológicos como computador, retroprojetor, videoaula. Dessa forma, a aula ficará mais interativa e o processo de aprendizagem será mais efetivo.

Tipos de variações linguísticas¹⁸

A variação linguística consiste em um fenômeno que reúne várias manifestações faladas ou escritas dos falantes de uma mesma língua. Além disso, a ocorrência dela depende do fato de as palavras e expressões terem uma afinidade semântica, isto é, estabelecerem uma relação de sentido muito próxima, apesar de distinguirem-se no que se refere ao aspecto fonético (som), fonológico (função dos sons), lexical (vocabular) ou sintático (relação entre os termos formadores de frases e orações).

Há quatro tipos de distinção dentro das variações linguísticas. Vamos aprender um pouco sobre cada um deles:

Variação regional ou diatópica¹⁹



São aquelas que demonstram a diferença entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do Estado de Minas Gerais possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes do Rio de Janeiro.

Variação social ou diastrática²⁰



As variações sociais são as diferenças de acordo com o grupo social do falante. Embora tenhamos visto como as gírias variam histórica e geograficamente, no caso da variação social, a gíria está mais ligada à faixa etária do falante, sendo tida como linguagem informal dos mais jovens (ou seja, as gírias atuais tendem a ser faladas pelos mais novos).

Variação estilística ou diafásica²¹


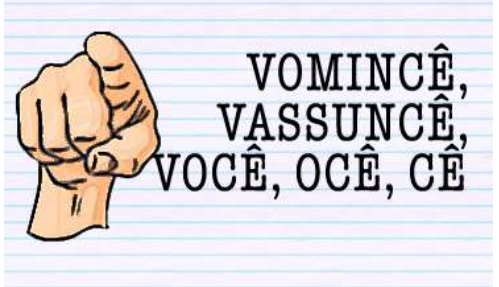
As variações estilísticas remetem ao contexto que exige a adaptação da fala ou do estilo dela. Aqui entram as questões de linguagem formal e informal, adequação à norma-padrão ou despreocupação com seu uso. O uso de expressões rebuscadas e o respeito às normas-padrão do idioma remetem à linguagem, tida como culta, que se opõe àquela linguagem mais

¹⁸ Disponíveis em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>>; <<https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>>; <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm#:~:text=%E2%86%92%20Variedade%20regional&text=S%C3%A3o%20aquelas%20que%20demonstram%20a,falantes%20do%20Rio%20de%20Janeiro>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/variacao-linguistica-o-que-e-exemplos-dicas-de-leitura>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

²⁰ Disponível em: <<https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/variacao-linguistica-o-que-e-exemplos-dicas-de-leitura>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

²¹ Disponível em: <<https://descomplica.com.br/artigo/4-imagens-que-vao-te-ajudar-a-nunca-mais-confundir-as-variacoes-linguisticas/4kq/>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

	<p>coloquial e familiar. Na fala, o tom de voz acaba tendo papel importante também.</p>
<p>Variação histórica ou diacrônica²²</p> 	<p>Variações históricas (diacrônicas): As variações históricas tratam das mudanças ocorridas na língua com o decorrer do tempo. Algumas expressões deixaram de existir, outras novas surgiram e outras se transformaram com a ação do tempo.</p>

Fonte: Google (2021).

SUGESTÕES DE LINKS PARA PESQUISA:



Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OWkrebsp8Ng>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/portugues/tipos-de-variacao-linguistica/>>. Acesso em: 04 jan. 2021.



Professor (a): agora que os alunos já possuem o entendimento acerca dos tipos de variações linguísticas, debata com eles sobre a noção de “erro e acerto” na prática do português. Explique sobre as necessidades de adequações de acordo com as necessidades comunicativas do momento.



Autoavaliação

23

²² Disponível em: < <https://descomplica.com.br/artigo/4-imagens-que-vao-te-ajudar-a-nunca-mais-confundir-as-variacoes-linguisticas/4kq/> > Acesso em: 06 jan. 2021.

A partir do estudo acerca das variedades linguísticas e dos tipos de variações linguísticas, responda:

1. O que você aprendeu sobre variedade linguística?

2. Quais os tipos de variações linguísticas?

3. Qual a relação entre variedades linguísticas e classes sociais?

4. Quando falamos de linguagem verbal, podemos dividir em oral e escrita, cada uma com diferenças e características próprias. Com base no que foi estudado até o momento, quais as diferenças presentes na linguagem oral e escrita?

Módulo II – Trabalhando o preconceito linguístico na fala de Eulália, do livro *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno



24

²⁴ Disponível em: < <https://myloview.com.br/adesivo-conceito-da-instrucao-arvore-com-livros-no-F27DD> >
Acesso em: 05 jan. 2021.

Este módulo vai tratar do preconceito linguístico existente com a linguagem regional, e traz como figura principal a personagem Eulália, do livro *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno. A proposta deste módulo é de identificar, descrever e analisar o fenômeno de variação linguística e o preconceito com a linguagem da personagem. Propõe-se também a ratificar que a LP, usada no Brasil, não é uniforme, mas composta de bastantes variedades.

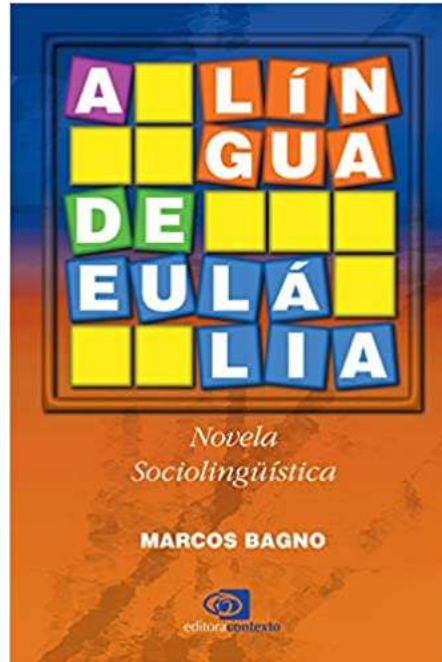
25



Primeiro momento: Conhecendo o livro *A língua de Eulália*, do autor Marcos Bagno

O livro *A língua de Eulália* foi publicado em 1997 e tem como autor o mineiro Marcos Bagno. O livro é composto por 219 páginas, divididas em 21 capítulos. A obra, que é uma novela sociolinguística da LP, procura expor que o uso de uma linguagem “diferente”, nem sempre pode ser julgado um "erro de português". A maneira estranha das pessoas falarem pode ser explicada por algumas ciências como a história, a sociologia, linguística, e até mesmo a psicologia. A obra narra a história de três jovens estudantes da capital (Emília, Silvia e Vera) que decidem passar as férias no interior, na casa da tia de uma delas. Durante esse período, elas recebem aulas de Dona Irene, a respeito da LP e as diferenças de suas variantes. Irene é professora aposentada e doutora em Linguística, tem se dedicado à análise do modo de falar não padrão; para isso, tem como inspiração a personagem Eulália - uma senhora que trabalha e mora com Irene. Marcos Bagno, no livro em estudo, pretende chamar a atenção para a existência do preconceito linguístico e conscientizar o leitor desta forma de exclusão social. Esta conscientização depende primeiramente da derrubada da noção de erro.

²⁵ Disponível em: < https://br.freepik.com/vetores-premium/caricatura-menino-lendo-um-livro_4396761.htm?epik=dj0yJnU9SVRMVGILOHRYYYVM1QjU1MEZKc19tUEc4aWpmSTlsOTkmcD0wJm49U2QtOXZfN0tWUIVRQV9pbk9PQWdIUSZ0PUFBQUFBR0ZrSXln > Acesso em: 11 out. 2021.



Fonte: Google (2021)²⁶.

SUGESTÕES DE PESQUISAS SOBRE O LIVRO *A LÍNGUA DE EULÁLIA*:



Disponível em: <<https://educacaobilingue.com/2011/05/26/alinguadeeulali/>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Disponível em: <<https://minhalinguaminhapatria.wordpress.com/2018/04/03/resenha-do-livro-a-lingua-de-eulalia-de-marcos-bagno/>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Disponível em: <<https://holambrense.com.br/a-lingua-de-eulalia-debate-fenomenos-da-lingua-portuguesa/>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Disponível em: <<https://sonhandoatravesdepalavras.com.br/2015/05/13/eu-li-lingua-de-eulalia-marcos-bagno/>>. Acesso em: 04 jan. 2021.



Estudo da obra

1. Após conhecer um pouco sobre a obra, na sua opinião, por que o livro recebeu o nome “A língua de Eulália”?

²⁶ Disponível em: <https://issuu.com/ericaribeiro15/docs/a_lingua_de_eulalia> Acesso em: 06 jan. 2021.

2. Na sua opinião, Eulália fala errado? Justifique sua resposta.

3. A personagem Eulália tem uma forma própria de falar, reflexo do meio social em que vive, da classe à qual pertence, do lugar de origem, do nível de escolaridade. Desse modo, sabemos que as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a diversos fatores.

Responda:

a) Qual a relação entre variedades linguísticas e classes sociais?

b) Na sua opinião, de que modo a falta de escolaridade influencia no modo de falar do indivíduo?

c) Na obra, Marcos Bagno diferencia os falantes do PP com o PNP, mostrando que existe uma discriminação do primeiro em relação ao segundo. Desse modo, até que ponto o preconceito sobre as variações linguísticas influencia na vida do falante que não utiliza a norma padrão da língua?



Segundo momento: Estudo do tema com base nos fragmentos da obra

1º FRAGMENTO DA OBRA: A língua de Eulália (MARCOS BAGNO, 2006)

“As meninas encantadas com uma vista muito bela, um jardim deslumbrante, ao terminarem o almoço saíram para passear pela chácara com Irene, e entre uma conversa e outra acabaram comentando sobre o modo “engraçado” e “diferente” de Eulália falar. Professora Irene não aprovando os comentários começou a falar outra língua, e logo depois perguntou se elas também não queriam rir do que ela estava falando. As alunas sem entenderem aquela situação responderam que não acharam engraçado o que elas não podiam entender. Em seguida, Irene explicou que a fala de Eulália não era errada, que era apenas um português de uma classe social diferente da delas. “Ela disse ‘os probrema’, ‘os fósfro’, ‘omôio ingrês’ (p. 14)

4. Com base nos conhecimentos adquiridos durante as aulas sobre Variações, esclareça por que Eulália, do ponto de vista sociolinguístico, não cometeu erro ao pronunciar as palavras **“PROBREMA, FÓSFRO e MÔIO INGRÊS”**?

3. As variações presentes no trecho acima evidenciam que tipo de características da língua?

- a) A variação regional.
- b) O uso da linguagem formal.
- c) O uso de jargão.
- d) A variedade do português de Portugal.

4. Na sua opinião, quem fala “mais certo” pronuncia as palavras como são escritas?

2º FRAGMENTO DA OBRA: A língua de Eulália (MARCOS BAGNO, 2006)

Em um passeio realizado ao centro de Atibaia, Emília questiona a professora Irene sobre a pronúncia de algumas palavras, veja o trecho:

" - Irene, por que é tão comum a gente ouvir pessoas dizerem falano, comeno, cantano, em vez de falando, comendo, cantando? Isso é tão comum que nem sei se é coisa do português não padrão". (p.76). "



A professora Irene explica que os fonemas /n/ e /d/ pertencem à família de consoantes que são chamadas dentais, ou seja, para serem produzidos é preciso que a ponta da língua entre em contato com os dentes superiores.

Por serem produzidos na mesma zona de articulação, vão sofrer assimilação, processo que faz com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes.

1. Partindo da explicação da professora Irene, pesquise **seis verbos** aos quais pronunciamos com a terminação “no” em lugar de “ndo”.

Verbos	

3º FRAGMENTO DA OBRA: A língua de Eulália (MARCOS BAGNO, 2006)

“Eulália mora com a minha tia Irene. É a pessoa mais querida do universo inteiro! Eu simplesmente amo ela.- A “moela”, que eu saiba, é um órgão das galinhas, meu bem...- Não enche, Emília, a gente “estamos” de férias, “tá bão”?- graceja Sílvia.” (p. 9).

1. Com base no fragmento da obra citada acima, marque as proposições que você considera satisfatórias, quando o assunto é variação linguística. É importante ressaltar que a língua falada precisa ser respeitada nas diferentes situações de uso.
 - a) A língua padrão é a única variedade que deve ser aceita pelos falantes;

- b) A gramática é que deve direcionar a língua em todas as situações de uso, quem não a segue fielmente, não sabe falar;
- c) Quem fala de forma coloquial é porque não participa da vida em sociedade;
- d) Na língua não deve haver certo ou errado, as variações precisam ser consideradas;
Todas as variedades são reconhecidas como Língua Portuguesa

4º FRAGMENTO DA OBRA: A língua de Eulália (BAGNO, 2006, p. 205).

“Professora Irene concluiu seu diálogo com as personagens da história mostrando-as que o preconceito em relação a norma não padrão faz parte de uma coleção de inverdades que povoam a mente da maioria das pessoas, nos quesitos racial, sexual, cultural e socioeconômico.”

1. Com base no seu conhecimento de mundo, e na sua aprendizagem no decorrer das aulas sobre variações e preconceito linguístico, relacione a segunda coluna de acordo com a primeira:

- a) Racial () Não acredito em ervas medicinais, prefiro os antibióticos.
- b) Sexual () Os índios são um bando de preguiçosos.
- c) Cultural () O aluno rico aprende mais que o aluno pobre.
- d) Sociocultural () A mulher é frágil, por isso tem que ganhar menos.



Professor(a): Explique aos alunos que nesta questão será abordada a **Varição Regional**, aqui o modo de falar das pessoas se distingue de região para região, o que determina a pronúncia das vogais em átonas, tônicas, abertas ou fechadas.

2. Observe a imagem abaixo e responda o que se pede.



27

²⁷ Disponível em: < <https://pt.dreamstime.com/quatro-garotas-conversando-ilustra%C3%A7%C3%A3o-de-vetor-plano-jovens-meninas-image170592525> > Acesso em: 11 out. 2021.

Imagine um diálogo entre a professora Irene e suas alunas, para explicá-las que a fala da aluna novata, que veio do Nordeste para o Rio de Janeiro com perceptível diferença ao pronunciar certas palavras, não pode ser considerada como errada ou desprestigiada.

Desta forma, a linguagem empregada no texto para apresentar essas diferenças remete ao:

- a) modo de falar das pessoas pobres
- b) modo de falar regional
- c) modo de falar a língua padrão
- d) modo de falar das pessoas sem escolarização



Problematizando...



Conforme estudamos sobre o Português Padrão, aprendemos que este é considerado parâmetro porque serve como norma, modelo para uma classe de maior prestígio, e que o Português Não Padrão é mais descontraído, sem muita formalidade.

1. Com base nas informações, retire da canção “Cuitelinho”, apresentada às personagens da novela, pela Professora Irene, o que considera linguagem não padrão, e transforme-os em linguagem Padrão.

Cuitelinho²⁸

Sérgio Reis, Renato Teixeira

Cheguei na beira do porto
 Onde as onda se espalham
 As garça dá meia volta
 E senta na beira da praia
 E o cuitelinho não gosta
 Que o botão de rosa caia, ai, ai
 Ai quando eu vim
 Da minha terra
 Despedi da parentaia
 Eu entrei no Mato Grosso
 Dei em terras paraguaia
 Lá tinha revolução
 Enfrentei fortes bataia, ai, ai
 A tua saudade corta
 Como aço de navaia.
 O coração fica aflito,
 bate uma, a outra faia.
 E os zóio se enche d'água
 Que até a vista se atrapaia.

Eu vou pegar seu retratinho e
 colocar numa medalha
 Com seu vestidinho branco
 E um laço de cambraia
 Coloca-la no meu peito
 Onde o coração trabalha ai ai.

PORTUGUÊS NÃO PADRÃO**PORTUGUÊS PADRÃO**

Professor(a): com a ajuda do retroprojeter, reproduza o vídeo da música “Cuitelinho”, de Sérgio Reis, Renato Teixeira.

²⁸ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/renato-teixeira-e-sergio-reis/cuitelinho-part-toquinho.html>>. Acesso em: 06 jan. 2021.



<https://www.youtube.com/watch?v=5uQHMDfn7vM>

2. A letra da canção apresenta uma linguagem:

- () Formal.
- () Informal.

3. O verso que faz uso de linguagem formal é:

- a) “O coração fica aflito”.
- b) “Ai quando eu vim”.
- c) “Que até a vista se atrapáia”.
- d) “Cheguei na beira do porto”.

4. Nesta canção, palavras como “parantaia”; “bataia”; “navaia” são exemplos de linguagem

- a) Estudada nas gramáticas e nas aulas de português.
- b) Encontrada em textos informativos e formais.
- c) Coloquial/ falada no nosso cotidiano.
- d) Ensinada no ambiente escolar.

Algumas Palavras

O Caderno de Atividades intitulado “Falar diferente não é falar errado” foi elaborado com o intuito de mostrar que as variações linguísticas não se tratam de erros, e que o preconceito contra as variações nada mais é que um juízo preconcebido fruto da ignorância dos que falam sem conhecer profundamente o assunto. O preconceito com o léxico deve ser combatido. Logo, as variações da LP devem ser aproveitadas em sala de aula para que os alunos tomem conhecimento do processo de mudança da língua.

A proposta aqui apresentada é direcionada aos docentes do 6º ano do Ensino fundamental II, porém é válido destacar que é totalmente possível de ser aplicada às outras séries. Como o caderno está dividido em dois módulos, o professor pode dividir os exercícios de forma que trabalhe as atividades em 20 horas/aula ou conforme o rendimento da sua turma.

A seguir, teceremos as considerações finais desta pesquisa. Assim, esperamos que esse caderno possa contribuir de alguma forma com os estudos daqueles que se interessam pela temática do léxico da LP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado compreendemos que, com certa frequência, podemos encontrar variações na linguagem verbal das pessoas, e que, diante do preconceito criado, fruto de uma influência social, essas variações transformam-se em um “erro”, algo fora de qualquer possibilidade comunicativa. Na obra analisada *A Língua de Eulália*, o autor destaca a importância de um ensino crítico da língua que faça com que a variedade PNP não seja mais estigmatizada, mas compreendida, modificando, pois, a realidade de uma língua e a sua maneira de ser vista e usada. Desse modo, o livro supracitado tem como objetivo promover uma reflexão ao uso do PP e o PNP, tendo em vista que podemos observar a imensa diversidade linguística existente, a partir dos contextos sociais, cultura, costumes e hábitos.

Nesta perspectiva, retomando o objetivo geral que propôs reconhecer e analisar a presença do preconceito linguístico e das variações lexicais na novela sociolinguística: *A língua de Eulália*, a fim de construir um caderno pedagógico, além dos seguintes objetivos específicos: Apresentar uma abordagem sobre a sociolinguística sob a perspectiva da história da LP, considerando o preconceito linguístico e as variações linguísticas; Realizar uma análise das variações lexicais na novela sociolinguística *A língua de Eulália*; Elaborar um caderno pedagógico direcionado aos professores do 6º ano do Ensino Fundamental II, com atividades que reflitam sobre o preconceito e as variações lexicais.

Constatamos que os objetivos destacados acima foram alcançados, uma vez que proporcionamos o estudo dos fatos históricos da LP, estudando o LC e LV, compreendendo como foram os processos linguísticos, no tocante aos aspectos do léxico. Além disso, apresentamos uma análise das variantes lexicais presentes na referida obra, e por fim, apresentamos uma proposta de intervenção, sob a forma de um caderno pedagógico, o qual foi dividido em dois módulos, com atividades que podem conferir ao aluno um aprendizado bastante consistente no que tange à Educação Linguística. Foram introduzidos boxes com orientações pontuais para direcionar o professor quanto ao melhor formato para condução das atividades e leituras, assim como foram indicados materiais complementares para auxiliar os alunos.

Nesse sentido, ressaltamos aqui a importância de se trabalhar esta temática em sala de aula, pois a forma de apresentação da LP, priorizando apenas uma variedade, a padrão, pode promover questões sobre o preconceito linguístico, haja vista que se o falante não tem conhecimento acerca das diversas possibilidades de utilização da língua, haverá casos em que

as divergências aparentes podem ser causa de discriminação e preconceito por parte daqueles que concebem a língua culta ou padrão como única e soberana.

Desse modo, é preciso, sobretudo, além de respeitar, compreender que a modalidade oral muitas vezes não é igual à modalidade escrita, e que o grande problema está na situação social em que se encontra o Brasil, de exclusões, de injustiças e desigualdades. É importante ter consciência que a língua sofre alterações e deve ser respeitada e valorizada em todas as suas variantes. Assim, a língua que falamos é a mesma, e todos fazem o uso do mesmo código linguístico, no entanto, a fala de cada indivíduo são diversificadas e sofrem modificações. Com base nessas constatações, compreendemos também, que a escola e, principalmente os professores, são personagens de grande importância nesse processo de compreensão de variação, pois servem como uma referência, influenciando o modo como esse fenômeno é percebido.

Portanto, através desse estudo, pudemos nos aprofundar um pouco na abordagem da temática, buscando desenvolvê-la de forma a contribuir para a ampliação da visão dos educadores e sua impressão acerca do preconceito existente quanto às diferenças na linguagem das pessoas. Não restam dúvidas de que este é um tema a ser estudado a fundo por todos os profissionais envolvidos, sobretudo, pelos estudiosos da língua. Por fim, acreditamos que tais estudos irão explicar cada vez mais os fenômenos variáveis existentes da LP, propiciando, portanto, que os indivíduos se encaminhem para uma sociedade mais democrática, justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (parte I). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, V.1, 9. ed., rev., p. 23-50, 2012.

ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/historia_da_lingua_portuguesa_136018413.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.

AZEVEDO, Artur. **Teatro à Vapor**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.

BAGNO, Marcos. **Nada da língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

BRASIL. Parâmetros curriculares Nacionais. **Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília. MEC/SEF, 1997.

CALVET. Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Língua latina**. Curitiba: IESDE, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos - a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: _____.; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

JONES, Peter; SIDWELL, Keith. **Aprendendo latim: textos, gramática, vocabulário, exercícios**. Tradução de Isabella Tardin Cardoso e Paulo Sérgio de Vasconcelos. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

MARTINS, Maria Cristina. **A língua latina: sua origem, variedades e desdobramentos**. Revista Philologus, Ano 12, n. 36. Rio de Janeiro: CiFEEFiL, set./dez.2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO12/36/002.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. A formação em linguagem. In. MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Linguagem: para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (Orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

ROSÁRIO, Miguel Barbosa do. **Latim básico**. 2011. Disponível em: <<http://www.latim-basico.pro.br/st/latimbasicopdf>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

SOUZA, Elisa Maria Pinheiro de; TORRES, Waldinett Nascimento. **Língua Latina: estudos teóricos para a prática**. Belém: UDUEPA, 2020.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILLALVA, ALINA; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. São Paulo: Vozes, 2014.